

Erick Silva Omena de Melo

*Percepções urbanas em jogo: os impactos da Copa
do Mundo de 1950 à luz da imprensa carioca*

Rio de Janeiro – 06/2011

Introdução

Ao longo das últimas décadas o governo brasileiro tem envidado esforços cada vez maiores no sentido de tornar o país um consolidado anfitrião de mega-eventos esportivos de porte internacional, acompanhando uma tendência presente em outros países em desenvolvimento. Neste período, a primeira tentativa concreta de inserção na acirrada disputa por tal condição se deu com a candidatura de Brasília para sediar os Jogos Olímpicos de 2000, lançada no início da década de 1990, durante o governo Collor (1990-1992). Desde então, uma série de novos intentos com o mesmo objetivo foram engendrados, como as candidaturas da cidade do Rio de Janeiro visando as Olimpíadas de 2004 e 2012, e a pré-candidatura da cidade de São Paulo para os Jogos Olímpicos de 2012. Contudo, tais iniciativas não lograram êxito. Foi apenas após a capital fluminense ter sediado os Jogos Pan-americanos de 2007, um evento de menor porte, que novos horizontes puderam ser vislumbrados para as principais aspirações relacionadas a estes projetos¹.

Neste contexto, os representantes do Rio de Janeiro foram finalmente contemplados com o direito de organizar vários mega-eventos esportivos na década que agora se inicia: os Jogos Mundiais Militares, em 2011; a Copa das Confederações de Futebol, em 2013; a Copa do Mundo de Futebol, em 2014; e as Olimpíadas de 2016. Com isso, diversas expectativas envolvendo estes acontecimentos foram criadas no seio da população, em seus representantes e na opinião pública em geral, sobretudo no que tange aos seus impactos positivos e negativos.

Grande parte das indagações se concentra no âmbito das transformações urbanas que certamente serão consequência da adaptação da cidade para receber eventos internacionais. Questões ligadas à geração de emprego e renda, desapropriações para realização de obras, melhoramentos infra-estruturais (transportes, habitação, saneamento, educação, saúde, segurança, esportes, turismo, etc), utilização da nova infra-estrutura pela população, “revitalização” de áreas degradadas, gastos públicos, dentre outras, passam a se fazer cada vez mais presentes na agenda pública local e nacional. Neste sentido, as expectativas e debates

¹ O fenômeno de priorização dos mega-eventos pelo Estado ao longo do período citado está intimamente ligado à incessante busca por investimentos externos, parcerias público-privadas, privatizações e fortalecimento da competitividade das grandes cidades em detrimento de uma maior atenção a outros aspectos sociais. Este fato, por sua vez, é fruto da ascensão do ideário neoliberal ao poder, não só no Brasil, mas na América Latina durante a mesma época. Seu reflexo no âmbito do planejamento das cidades foi denominado de “empresariamento urbano”, o qual passou a tratar os municípios como meras empresas e/ou cidades-mercadorias. (HARVEY, 1996; VAINER, 2000).

envolvendo estes diferentes aspectos são não somente acompanhados, mas também fomentados e direcionados pela imprensa, através de seus diversos segmentos de atuação.

Um dos maiores exemplos da importância que este tema tem ganhado nos meios de comunicação, para ficar apenas no caso da imprensa escrita, é a criação de sessões exclusivas em jornais de grande circulação, em especial em suas versões *online*, dedicadas às Olimpíadas de 2016 e a Copa do Mundo de 2014. Este é o caso dos jornais O GLOBO², O ESTADO DE SÃO PAULO³ e a FOLHA DE SÃO PAULO⁴. Para além das notícias propriamente esportivas envolvendo as coberturas jornalísticas, os principais assuntos abordados são os orçamentos e investimentos destinados aos eventos⁵, seguidos pelas expectativas em relação ao andamento e direcionamento das obras⁶ e pelas suas conseqüências físicas e sociais mais diretas⁷. Disputas políticas correlatas também são abordadas, embora em menor grau⁸.

Assim, a veiculação de informações por periódicos é um importante termômetro do que está sendo discutido e da importância dada ao tema. Sem dúvida, toda a atenção voltada às discussões em torno dos mega-eventos esportivos programados para os próximos anos e abordada pela imprensa, em especial, pela carioca, ocorre em função da cidade jamais ter sediado tamanha variedade de acontecimentos esportivos desta magnitude em tão pouco tempo e, ainda, devido ao potencial destes em causarem profundas reestruturações urbanas nos locais por onde passam. No entanto, isto não significa que esta seja a primeira vez que o Brasil e a capital fluminense receberão um evento esportivo internacional desta relevância e, portanto, também não é a primeira vez que a opinião pública se mobiliza em torno do tema.

Em 1950, o país sediou a IV Copa do Mundo de Futebol, alguns anos após o fim da segunda grande guerra mundial, com jogos ocorridos em seis capitais: Belo Horizonte,

² Ver <http://moglolo.globo.com/rio/rio2016/>

³ Ver <http://topicos.estadao.com.br/rio-2016>

⁴ Ver <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2009/rio2016/>
e <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/copadomundo2014/>

⁵ Ver <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u689008.shtml>

⁶ Ver <http://moglolo.globo.com/integra.asp?txtUrl=rio/rio2016/mat/2010/03/18/rio-2016-uniao-muda-plano-de-investimentos-916115295.asp>

⁷ Ver <http://extra.globo.com/geral/casosdecidade/transporte/posts/2009/12/17/prefeitura-pora-abaixo-imoveis-mesmo-que-haja-discussao-judicial-250727.asp>

⁸ Ver <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u574576.shtml>

Curitiba, Porto Alegre, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Por causa da guerra, os países europeus estavam em reconstrução e, portanto, inaptos para serem os anfitriões da competição. Aliado a isso, havia a disputa interna no âmbito da FIFA entre as forças sul-americanas e européias para sediar o evento. Assim, a candidatura do Brasil foi beneficiada por uma peculiar conjuntura internacional.

Até mesmo em função do contexto de pós-guerra e de um novo mapa geopolítico mundial ainda em formação naquele momento, a realização da Copa do Mundo no Brasil também envolveu expectativas e debates, em especial no que se refere à preparação do país para o evento, às prioridades de investimentos públicos e às suas consequências. Neste sentido, este trabalho tem como principal motivação a possibilidade de colaborar com a historiografia ainda pouco explorada voltada para o resgate das preocupações e conflitos presentes na opinião pública que envolveram tal processo, sobretudo no que se refere à sua obra mais expressiva, ou seja, a construção de um novo estádio de grandes proporções para a competição, posteriormente denominado Estádio Mario Filho, exigindo vultuosas inversões e transformações urbanas no bairro do Maracanã.

De maneira mais específica, o objetivo que permeou todo este trabalho esteve calcado em responder três perguntas principais: 1) quais foram as questões urbanas (econômicas, sociais e políticas) relacionadas à preparação para o evento mais abordadas pela imprensa?, 2) quais posições eram tomadas quanto aos seus respectivos conteúdos? e 3) quais os atores que as defendiam?

A metodologia deste trabalho baseou-se na ampla consulta a fontes primárias, representadas sobretudo pelos jornais de maior circulação da época que mais se dedicaram ao tema, isto é, o Jornal dos Sports e o Correio da Manhã, de forma a identificar quais eram os discursos dominantes e seus opositores em relação aos principais impactos decorrentes do evento. Para tanto, foi considerado o período entre 1946, ano da escolha do Brasil pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) como sede da IV Copa do Mundo, e meados do ano de 1950, às vésperas do início da competição.

A escolha no que tange a este recorte temporal se justifica pelo fato de que tal período foi o que naturalmente suscitou movimentações e discussões, já que está situado entre o momento de consolidação da candidatura brasileira como vencedora e a efetiva realização da Copa do Mundo. Da mesma forma, o recorte espacial sugerido, isto é, a cidade do Rio de Janeiro, se dá em função desta ter sido a capital mais impactada pelo evento, tendo-se em vista a construção do maior estádio do mundo em seu território. Por último, a escolha da coleta e análise dos discursos presentes em periódicos está baseada no fato de que, até então, a

imprensa escrita era, senão a principal, uma das principais arenas de exposição e discussão acerca das grandes questões envolvendo a sociedade brasileira.

Cabe, por último, ressaltar que este trabalho se justifica também por criar a possibilidade de solidificar uma base para pesquisas futuras acerca da história dos mega-eventos esportivos no Brasil e no mundo, especialmente no que tange aos diferentes níveis de participação de grupos distintos nas arenas decisórias relacionadas aos projetos de preparação de cidades, além de contribuir com pesquisas posteriores na identificação das possíveis alterações de perspectivas em relação a estes eventos e seus impactos ao longo da história nacional.

1)Contextualização Histórica

O anúncio da notícia de que o Brasil seria a sede da IV Copa do Mundo de futebol ocorreu em um momento de significativas mudanças na trajetória do país nos âmbitos político, econômico e social. A compreensão de tal cenário histórico é fundamental para se entender as disputas retratadas pela imprensa carioca no que diz respeito à preparação para o evento.

No âmbito internacional, a II Guerra Mundial terminava em 1945, abrindo a possibilidade de continuação das edições da Copa do Mundo, interrompidas desde 1938. É geralmente reconhecido que a IV Copa do Mundo se realizou no Brasil em virtude de nenhum país europeu ter condições de sediar o evento logo após a guerra. Alguns estudiosos, porém, identificam como causa desta escolha a necessidade da FIFA trazer a competição também para a América do Sul de maneira a se consolidar através da utilização da geopolítica do futebol internacional, uma vez que o continente surgia como uma grande potência ao lado da Europa (FRANZINI, 2010).

Já no plano nacional, alguns meses antes da decisão da FIFA, encerrava-se o Estado Novo através da realização das primeiras eleições diretas após 15 anos. A partir de 1942, a ditadura de Getúlio Vargas, bastante pressionada pelos contextos externo e interno⁹, passou a orientar suas ações no sentido de realizar uma transição para um regime mais aberto. Dessa forma, procurou aprofundar o processo de busca por maior legitimidade de seu governo frente às camadas populares, através de propaganda governamental no rádio e na imprensa escrita e

⁹ Em função da decisão do governo Vargas em apoiar os aliados no meio da II Guerra Mundial após ter se aproximado de regimes ditatoriais nazi-fascistas, tanto a oposição interna, cada vez mais articulada, apesar da repressão, quanto os aliados passaram a exigir maior coerência na conduta do Estado brasileiro no sentido de reestabelecer a democracia no país, tendo em vista a opção feita no plano internacional.

de novas concessões à classe trabalhadora como a consolidação das leis trabalhistas e aumento do salário mínimo. Apesar da promessa do sufrágio para o fim de 1945, Getúlio Vargas foi deposto por um grupo governista que já se mobilizava para disputar as eleições, mas desconfiava da intenção do então presidente de evitá-las através de novo golpe, assim como havia ocorrido em 1937. Poucos meses depois, Eurico Gaspar Dutra, um general que havia sido Ministro de Guerra de Vargas, mas que, no final de seu governo, se tornou dissidente junto com os setores promotores do golpe, foi eleito. O novo presidente também procurou maior legitimação de suas ações junto às classes populares, apesar de algumas ações de caráter econômico contrárias a essa lógica, como o arrocho salarial. Ou seja, em linhas gerais, a política de popularização da figura do presidente, fortalecida no fim do Estado Novo, foi mantida após o seu fim pelo novo governo eleito.

Naturalmente, nota-se também uma maior pluralidade nas representações políticas a partir da campanha eleitoral do final de 1945. É neste momento que surgem o PSD (Partido Social-democrata) que reunia boa parte da base do governo anterior e que foi seu sucessor no poder, a UDN (União Democrática Nacional) que abarcava os diferentes grupos de oposição e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) formado a partir da base sindical controlada por Vargas.

Algumas mudanças de trajetória significativas também podem ser destacadas no contexto social daquele período, principalmente por estarem associadas à popularização do futebol no Brasil, fator preponderante à análise envolvendo o fenômeno da Copa do Mundo e a importância de sua preparação. A partir da década de 1940, inicia-se o período de maior crescimento demográfico da história do país, que terminaria na década de 1970 proporcionando um salto de 41 para 93 milhões de habitantes em apenas 30 anos. Conforme demonstra o gráfico a seguir, esta época, sobretudo o intervalo entre 1940 e 1950, foi marcada não só pela manutenção de altas taxas de natalidade, mas por drásticas reduções nas taxas de mortalidade, resultando no aumento da taxa de crescimento natural. Tal fato certamente foi diretamente influenciado pela implementação de serviços essenciais como saneamento básico e hospitais, o que indica também um forte incremento do contingente populacional urbano, que é o mais facilmente atendido por tais serviços.

Outra informação relevante é que, apesar do enorme crescimento populacional, a estrutura etária permaneceu a mesma durante todo o período. Mais de 52 % da população se apresentava abaixo dos 20 anos de idade.

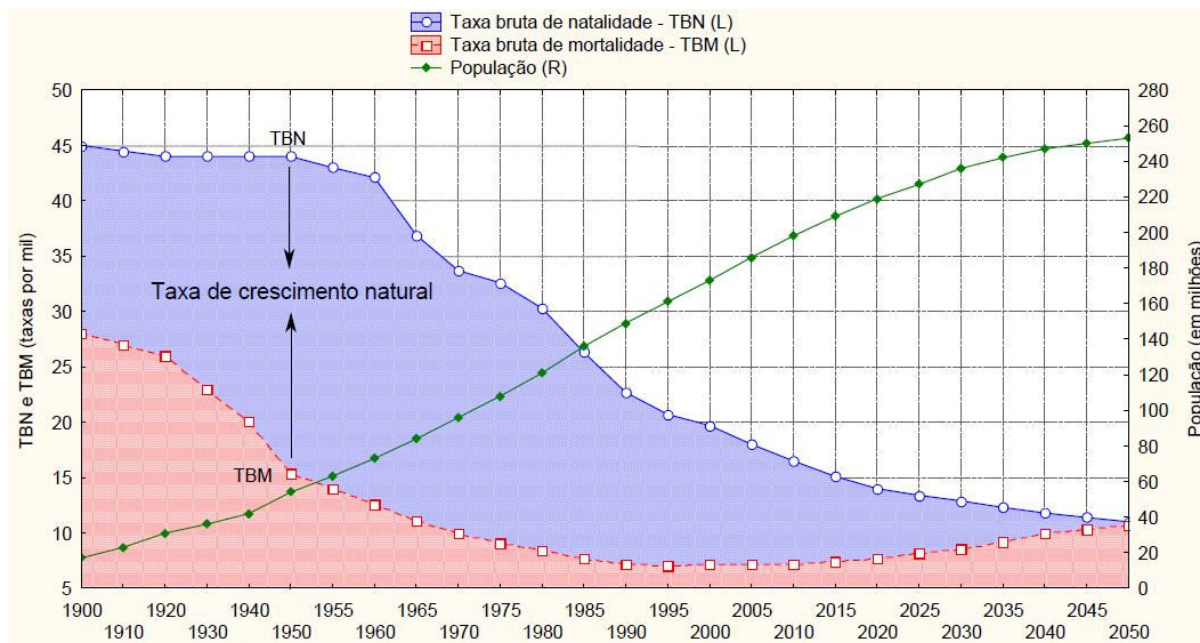


Gráfico 1: Transição demográfica no Brasil: 1900-2050. ONU apud ALVES e BRUNO, 2006.

O crescimento populacional ocorrido no pós-guerra também é acompanhado de um elevado crescimento econômico, conforme pode ser observado no gráfico abaixo. É no final da década de 1940 que o desenvolvimentismo, representado pelo aumento do PIB em conjunto com políticas de industrialização e de abertura ao capital estrangeiro, tem seu primeiro grande impulso. A ideologia do desenvolvimentismo apontava para a modernização do país dirigida pelo Estado e associada à promoção do orgulho nacional deste feito.

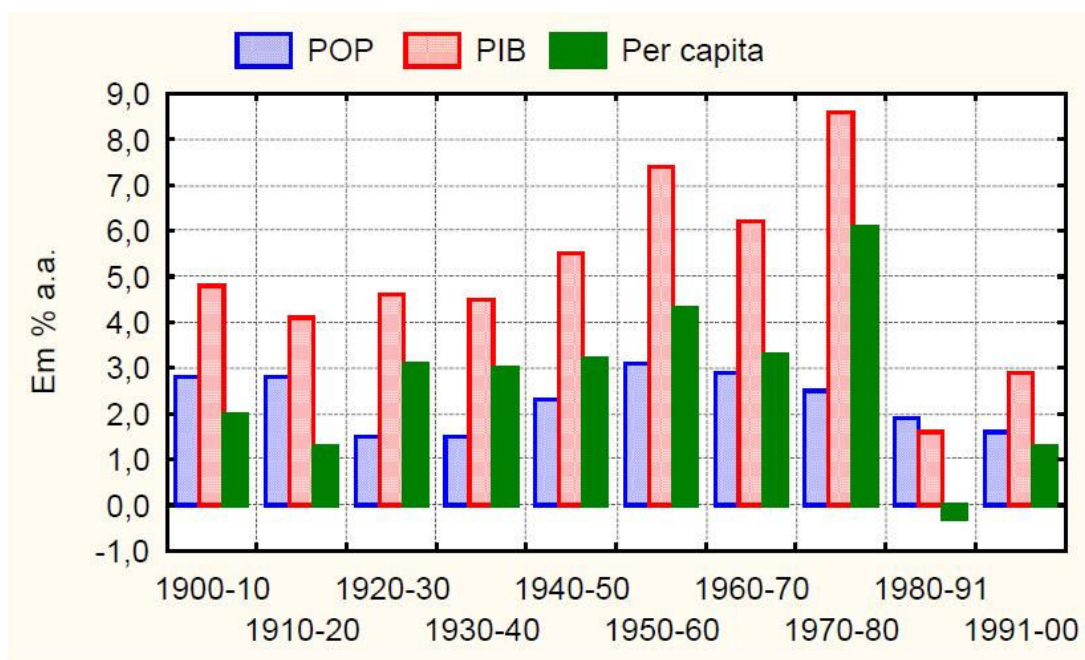


Gráfico 2: Crescimento da população e do PIB no Brasil: 1900-2000. IBGE e IPEA apud ALVES e BRUNO, 2006.

Assim, neste contexto histórico há, de um lado, o aumento exorbitante da população, que se tornava cada vez mais urbana e se mantinha extremamente jovem, aliado à popularização do rádio e aos avanços da imprensa escrita, colaborando para aprofundar ainda mais o processo de popularização do futebol presente já na década de 1920. Vale ressaltar também, dentro desse contexto, a contribuição de fatores já anteriormente notados como a facilidade de se praticar o esporte bretão e o crescimento das possibilidades de ascensão social através dele consolidada com sua profissionalização na década de 1930.

Por outro lado, percebe-se uma tendência ao crescente interesse do governo em se legitimar através de medidas populistas, como a exaltação da personalidade do presidente e a garantia de direitos trabalhistas, ao mesmo tempo em que, com a democratização, cresce a pluralidade das representações políticas, embora ainda de forma restrita. Observa-se, ainda, o rápido crescimento econômico combinado com o desenvolvimentismo e seu projeto de modernização do país e de concretização dos supostos potenciais da nação exaltando seu orgulho brasileiro. Em linhas gerais, este era o cenário histórico que se descortinava no contexto de preparação do Brasil e do Rio de Janeiro para o maior evento esportivo a ser realizado no país até então.

2) Cronologia da preparação para a Copa do Mundo (julho de 1946 a junho de 1950)

Para entrar na esfera das principais questões debatidas pela imprensa e dos principais atores nelas envolvidos é necessário, em primeiro lugar, compreender a cronologia dos fatos mais relevantes noticiados. A partir da reconstrução desta cronologia foi possível sistematizar as principais disputas e temas abordados, identificando inclusive os períodos de maior intensificação dos conflitos e suas razões. Conforme citado anteriormente, esta pesquisa se baseou na coleta de informações presentes sobretudo no *Jornal dos Sports* e no *Correio da Manhã* ao longo do período entre a escolha do Brasil como sede da IV Copa do Mundo e a sua realização. Dentre as razões para a escolha destas fontes primárias, a principal delas decorre do fato de estes dois periódicos terem representado as duas principais forças antagonistas no que se refere às disputas discursivas relativas aos preparativos para o evento. Assim, a cronologia dos fatos essenciais ligados à principal obra para a Copa, isto é, o estádio municipal, está dividida anualmente, onde é possível visualizar de forma breve como e quando ocorreram os acontecimentos mais significativos aos olhos da imprensa carioca.

2.1) 1946

2.1.1) Julho

No dia 25 de julho, o Brasil é escolhido pela FIFA, em congresso realizado em Luxemburgo, como a sede da IV Copa do Mundo de Futebol que tinha seu início previsto para junho de 1949. Tal escolha ocorreu através de votação, na qual a candidatura brasileira venceu por unanimidade. Na verdade, desde 1938 o país pleiteava esta condição e tinha como principal concorrente a Alemanha nazista. Em função da segunda guerra mundial, os representantes brasileiros só puderam dar continuidade às suas reivindicações em 1946, já com os alemães fora da disputa e contando com o apoio de quase todos os países sul-americanos, exceção feita à Argentina. Os jornais cariocas noticiaram o fato sem grandes destaques, pois já era esperado que o Brasil vencesse a disputa, o que é comprovado pela importância maior dada ao fato da proposta da CBD de transferência da data do evento para 1949 ter sido acatada pela FIFA¹⁰. Apenas o Jornal dos Sports reservou uma matéria mais extensa para o assunto, bem como a sua manchete do dia, que dizia “Em 49, e no Brasil!”. Poucos dias depois, tanto o Jornal dos Sports, comandado por Mario Filho¹¹, como o Correio da Manhã, que tinha como cronista esportivo Diocesano Ferreira Gomes¹², já tratavam das medidas necessárias visando o evento de 1949, expondo suas respectivas e antagônicas visões quanto à construção de um novo estádio.

2.1.2) Agosto

Logo no início do mês de agosto vem a público a notícia de um plano elaborado por Hilton Santos, então presidente do Clube de Regatas do Flamengo, para a construção de estádios em seis capitais brasileiras: Recife, Belo horizonte, Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. A idéia principal consistia em criar novos estádios a partir do incentivo

¹⁰ As edições dos principais periódicos do dia 26/07 traziam a informação sobre a escolha da FIFA realizada em seu congresso recebida por telegramas da agência United Press enviados de Luxemburgo. O Jornal do Commercio dedicou uma nota em sua sessão de esportes que tinha como título: “Campeonato Mundial de Football: sua realização no Brasil em 1949”. O Jornal do Brasil fez o mesmo, dizendo: “A disputa do Campeonato Mundial de Football será no Brasil em 1949”. Já “O Jornal” trazia em sua manchete esportiva o seguinte texto: “Definitivamente assentado para 49 o campeonato mundial: vitoriosa a proposta brasileira”. O mesmo fez o jornal “A Manhã”, em sua sessão “A Manhã esportiva” afirmando: “ ‘Copa do Mundo’ somente em 1949: será no Brasil o certame / decisão unânime no congresso de Luxemburgo”. Já o Diário de Notícias se limitou a reproduzir o telegrama da United Press.

¹¹ Jornal dos Sports – 28/07/1946

¹² Correio da Manhã – 28/07/1946

do governo aos clubes, sendo que as estruturas com maior capacidade de acomodação de público seriam implantadas nas duas últimas cidades citadas. Este fato propiciou o primeiro debate realizado pela imprensa em torno dos preparativos para a Copa, que perdurou ao longo dos meses de agosto e setembro¹³.

2.1.3) Setembro

O mês de setembro foi marcado pela criação de comissões responsáveis por estudos para implementação de um estádio, tanto no âmbito do governo federal quanto do municipal. Além disso, o presidente da república assinou o decreto-lei número 9.912 de 17 de setembro que abria a possibilidade de incentivos por parte do governo para a construção de “praças de esporte”¹⁴, e o decreto-lei número 9.906 da mesma data que autorizava a permuta dos terrenos do antigo Derby Clube no Maracanã, onde posteriormente seria construído o novo estádio, por outros às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas entre a prefeitura do Distrito Federal e o Jockey Club Brasileiro¹⁵.

2.1.4) Outubro

Após divergências não resolvidas entre dirigentes de clubes e disputas políticas, o chamado “Plano Hilton Santos” cai em esquecimento já no início do mês de outubro. Isso também aconteceu em função da notícia veiculada de que a prefeitura e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) intencionavam apoiar a ampliação das dependências do estádio do Vasco em detrimento da construção de um novo local para competições.

¹³ Destacam-se as edições de 01/09/1946, 08/09/1946 e de 26/09/1946 do “Correio da Manhã”, a de 31/07/1946 de “Jornal dos Sports”, as de 31/07/1946, 02/08/1946 e 09/08/1946 de “A Manhã”, as de 15/08/1946, 16/08/1946 e 22/08/1946 do Diário de Notícias, e a de 04/09/1946 de “Jornal do Brasil”, todas tratando especificamente do assunto, sempre deixando claras suas respectivas posições sobre o tema.

¹⁴ Ver Correio da Manhã de 19/09/1946 e Jornal do Brasil de 20/09/1946.

¹⁵ Disponível em <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9906-17-setembro-1946-417339-publicacaooriginal-1-pe.html>

2.2) 1947

2.2.1) Maio

Passado longo período sem os jornais abordarem o tema, o assunto volta a ser debatido, sobretudo em virtude da iniciativa de Jornal dos Sports, que dedicou várias colunas na tentativa de trazer novamente à tona a questão¹⁶, e de O Globo, que lançou uma enquete sobre as possibilidades de utilização de estádios para o mundial. Aliado a isso, alguns dias depois, o presidente Dutra anunciava estar empenhado na construção de um estádio para a Copa¹⁷, o que fomentou ainda mais o debate. Na oportunidade, mais uma vez, o Correio da Manhã assume posição divergente da do Jornal dos Sports e de O Globo no que tange a novos estádios¹⁸. É a partir de meados de maio que o assunto entra em definitivo nas pautas de Jornal dos Sports e Correio da Manhã¹⁹.

2.2.2) Junho

Em função da elaboração de um plano de venda de cadeiras cativas do futuro estádio da cidade para viabilizar financeiramente sua construção, noticiada no final de maio²⁰, são acirrados, já no começo de junho, os embates entre as posições contrárias do Jornal dos Sports, que passou a chamar estas discussões de “A Batalha do Estádio”²¹, e do Correio da Manhã. Tal plano consistia em vender o direito de exclusividade sobre assentos específicos por cinco anos, pagos em prestações que seriam utilizadas pela prefeitura para as obras. Essa notícia fez com que o assunto passasse a ser mais frequentemente debatido pela opinião pública. No mesmo mês ocorrem mudanças significativas no cenário político, como a

¹⁶ Ver as colunas de Vargas Netto dos dias 27/04/1947 e 01/05/1947, e, em especial, a coluna de Mario Filho de 07/05/1947, intitulada “Vamos principiar a pensar no campeonato do mundo?”

¹⁷ Em 15/05/1947, a manchete de Jornal dos Sports dizia: “Vivamente empenhado o Presidente Dutra no Estádio Nacional!”

¹⁸ Ver sessões esportivas do Correio da Manhã nos dias 13/05/1947 e 20/05/1947

¹⁹ O Jornal dos Sports dedicou-se ao tema em 14 edições entre o dia 15/05/1947 e o fim do mês, enquanto o Correio da Manhã o abordou por seis vezes no mesmo período.

²⁰ A proposta foi apresentada por João Lyra Filho, então presidente do CND (Conselho Nacional de Desportos), em sua coluna de 25/05/1947 no Jornal dos Sports.

²¹ A expressão surge pela primeira vez na manchete de 30/05/1947 do Jornal dos Sports. A partir daí ela foi utilizada incontáveis vezes pelo periódico até a inauguração do estádio municipal.

substituição do prefeito Hildebrando de Góes, que já havia indicado uma tendência a apoiar a construção do estádio, pelo General Mendes de Moraes e a subsequente nomeação de João Lyra Filho, então presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), para a secretaria municipal de finanças por parte do novo prefeito. Nova polêmica seria gerada pouco depois quando foi lançada a idéia de uma localização alternativa do novo estádio na baixada de Jacarepaguá, atual Barra da Tijuca, pelo vereador Carlos Lacerda²². Até então, a construção havia sido pensada apenas nos terrenos do antigo Derby Clube, no bairro do Maracanã. No fim do mês, é criada uma comissão pelo novo prefeito, a fim de avaliar possíveis projetos para o estádio. Com isso, estava decidido que o governo municipal, e não o federal, seria o responsável pela obra.

2.2.3) Julho

Após avaliação de três projetos pela comissão municipal, é divulgado seu parecer final, que ao invés de escolher entre os concorrentes, solicitava a união dos três arquitetos para a confecção de um único e novo projeto, baseado em novos parâmetros²³. Esta decisão foi alvo de várias críticas e também alimentou o debate já existente²⁴.

2.2.4) Agosto

Em 09 de agosto é divulgada a mensagem oficial e o projeto de lei enviados pelo prefeito à câmara municipal, objetivando receber a autorização dos vereadores para construir o estádio, criar uma autarquia que seria responsável pela obra, e implementar o plano de venda de cadeiras cativas apresentado por João Lyra Filho²⁵. Isso ocasionou o início da fase mais aguda dos debates acerca das alternativas para a preparação da Copa do Mundo, tanto na Câmara dos vereadores quanto nos jornais. Estes dois âmbitos de discussão se influenciavam mutuamente, até porque dois dos vereadores que mais se envolveram nos debates, Carlos Lacerda²⁶ e Ary Barroso²⁷, eram também colunistas. Este último divulgou na câmara o

²² Ver edição de 19/06/1947 e 21/06/1947 do Jornal dos Sports e de 20/06/1947, 22/06/1947, 24/06/1947 e 28/06/1947 do Correio da Manhã

²³ Ver edição de 17/07/1947 do Jornal dos Sports

²⁴ Ver edições de 18/07/1947, 19/07/1947, 20/07/1947 e 23/07/1947 de Jornal dos Sports e de 17/07/1947, 18/07/1947, 22/07/1947 e 23/07/1947 do Correio da Manhã.

²⁵ Ver edição do Jornal dos Sports da mesma data.

²⁶ Colunista do Correio da Manhã

resultado de uma pesquisa de opinião encomendada ao IBOPE, indicando que a ampla maioria da população apoiava a iniciativa de se construir o estádio, bem como sua localização no maracanã²⁸.

2.2.5) Setembro

Os embates acalorados na câmara dos vereadores e nos jornais tiveram continuidade ao longo do mês de setembro de 1947. O secretário de finanças João Lyra Filho é convocado por Carlos Lacerda para prestar esclarecimentos relacionados ao projeto de lei. Ao longo do mês, os vereadores contrários ao projeto se utilizavam de vários artifícios para postergar a votação do projeto de lei, que tinha apoio da maioria da câmara e da opinião pública. Mas, no dia 24 de setembro, vem a público o pedido da FIFA à CBD de adiamento da disputa da Copa do Mundo para junho de 1950²⁹, o que fez com que os opositores do projeto na câmara e nos jornais perdessem força imediatamente, já que apostavam na proximidade cada vez maior da data do evento para inviabilizar o empreendimento. Ainda no mesmo mês, pouco depois do pedido da FIFA, duas outras alternativas de localização para o estádio foram brevemente veiculadas no Correio da Manhã: o antigo jardim zoológico³⁰, em Vila Isabel, e um terreno às margens da Avenida Brasil, em Irajá³¹.

2.2.6) Outubro

Após o enfraquecimento dos opositores e a discussão de algumas emendas ao projeto de lei, o mesmo é aprovado em três votações³². Na imprensa, em função dos acontecimentos, os embates arrefecem consideravelmente. O Jornal dos Sports continuou a cobrir o assunto enquanto o Correio da Manhã passou a ignorá-lo.

²⁷ Colunista do jornal A Manhã

²⁸ Ver edição de 19/08/1947 de Jornal dos Sports

²⁹ Ver as edições de Jornal dos Sports nesta data e do Correio da Manhã no dia seguinte.

³⁰ Ver o Correio da Manhã de 28/09/1947

³¹ Ver o Correio da Manhã de 26/09/1947

³² Ver as edições de 30/10/1947 e 01/11/1947 do Jornal dos Sports.

2.2.7) Novembro

Com a aprovação do projeto de lei, as notícias e colunas relacionadas ao estádio e suas polêmicas se tornaram escassos. Em novembro, basicamente, foram noticiadas a sanção da lei pelo prefeito, no dia 14³³, e a nomeação da comissão executiva e do conselho do estádio, no dia 20³⁴, que seriam os responsáveis por levar a obra à frente.

2.3)1948

2.3.1) Janeiro

Inicia-se a venda de cadeiras cativas com ampla divulgação propagandística do Jornal dos Sports³⁵. O debate ressurgiu, ainda que em menor intensidade, em torno das possibilidades de sucesso do plano de financiamento do estádio municipal. No dia 20 de janeiro, é lançada a pedra fundamental da obra, com a presença do prefeito e de representantes do presidente da república. O Correio da Manhã e os opositores vêem tal fato com bastante ceticismo, enquanto o Jornal dos Sports celebra a data ufanisticamente³⁶.

2.3.2) Fevereiro

O Jornal dos Sports se envolve ainda mais com a construção do estádio municipal, não só através da divulgação e propaganda do andamento das ações, mas inclusive realizando a venda de cadeiras cativas em sua sede e mobilizando equipe de promotores/vendedores, chamados de “comandos”, a qual visitava empresas e instituições a fim de incentivar a subscrição de títulos³⁷. Por outro lado, o Correio da Manhã sequer tocou no assunto.

2.3.3)Março

É divulgado o consórcio vencedor da concorrência pública realizada para a execução do projeto do estádio municipal no início do mês³⁸. No dia 18 de março o Correio da Manhã

³³ Ver edições do dia 15/11/1947 do Jornal dos Sports e do Correio da Manhã

³⁴ Ver edições do dia 21/11/1947 do Jornal dos Sports e do Correio da Manhã

³⁵ Ver em especial a edição de 04/01/1948

³⁶ Ver as edições do Correio da Manhã do dia 20/01/1948 e do Jornal dos Sports em 20/01/1949 e 21/01/1948.

³⁷ Ver, por exemplo, as edições de 17/02/1948 e 21/02/1948.

³⁸ Ver a edição de 30/03/1948 do Jornal dos Sports

divulga o lançamento de um novo empreendimento: a construção de um estádio intitulado Estádio Nacional Sociedade Anônima (ENSA) por parte da iniciativa privada, no bairro de Irajá e baseado na venda de títulos que renderiam juros aos seus compradores. Esta iniciativa concorria diretamente com a do Estádio Municipal, causando o ressurgimento e abrupto acirramento dos debates.

2.3.4) Abril

Prosseguem os embates e argumentações entre Mario Filho/Jornal dos Sports e Diocesano Gomes/Correio da Manhã, que buscavam convencer o leitor da pertinência de um empreendimento em detrimento do concorrente.

2.3.5) Maio

Prossegue a divulgação do Jornal dos Sports acerca da venda de cadeiras cativas do Estádio Municipal, mas o debate perde intensidade. No dia 25 é criada por decreto a autarquia ADEM (Administradora dos Estádios Municipais).

2.3.6) Junho

No dia 10 de junho ocorre a assinatura do contrato entre o convênio de construtoras vencedoras da concorrência para execução das obras e a ADEM. Logo em seguida começam algumas visitas de autoridades e celebridades, como o prefeito, ao local onde ocorreriam as obras, sempre registradas pelo Jornal dos Sports. No mesmo sentido, o Correio da Manhã realizou reportagem para divulgar visitas ocorridas no local onde seria construído o ENSA³⁹. Já no fim do mês, o embate entre os projetos do ENSA e do Estádio Municipal ganha força, graças a uma nova investida da propaganda do ENSA, através do Correio da Manhã, que atacava os seus oponentes⁴⁰.

³⁹ Ver edição de 04/06/1948

⁴⁰ Ver edição de 22/06/1948

2.3.7) Julho

Continuam as discussões em torno de ambos os projetos, com ataques e críticas dos dois lados. João Lyra Filho deixa a secretaria municipal de finanças e o prefeito visita, mais uma vez, os terrenos do antigo Derby Clube⁴¹.

2.3.8) Agosto

No começo de agosto, a CBD divulga a informação de que o campeonato sul-americano de 1949 ocorreria em São Januário, e não no estádio municipal. Isso alimentou as críticas e desconfianças por parte do Correio da Manhã, já que a obra pronta era prometida para ser entregue em 1949. Contudo, no dia 17 de agosto é realizada a cerimônia de início efetivo das obras, com a presença do prefeito, o que diminuiu o ímpeto destas ofensivas. A partir desta data, o Jornal dos Sports iniciou uma longa série de foto—reportagens que tinham o intuito de testemunhar e divulgar o andamento das obras até o dia de sua inauguração.

2.3.9) Setembro

No dia 07 de setembro, o Jornal dos Sports anuncia a “morte do derrotismo”, comemorando o enfraquecimento dos opositores. Todo o mês foi marcado por foto-reportagens mostrando as obras, pela exaltação do sucesso da venda de cadeiras cativas e pelo início dos anúncios publicitários do Estádio Municipal, nos mesmos moldes em que antes eram publicados os anúncios do ENSA⁴².

⁴¹ Ver edição de 22/07/1948 do Jornal dos Sports

⁴² Ver as edições de 12/09/1948 e 19/09/1948.



Fotos 1 e 2: À esquerda, um anúncio do ENSA. À direita anúncio do Estádio Municipal, no Jornal dos Sports.

2.3.10) Outubro, novembro e dezembro

Em outubro ocorre o fim do debate e dos ataques mútuos. Este período é marcado apenas pela ampla divulgação e propaganda das obras do estádio municipal pelo Jornal dos Sports, através de fotos e notícias de visitas de celebridades ao local.

2.4) 1949

2.4.1) Janeiro, fevereiro, março, abril e maio

Continuam as foto-reportagens e notícias do andamento das obras por parte do Jornal dos Sports, sem qualquer debate.

2.4.2) Junho

Prosseguem as foto-reportagens sobre as visitas e o andamento das obras, sempre em tom de exaltação do Prefeito Mendes de Moraes pelo feito em realização. Neste mês foi divulgado o cartaz/símbolo oficial da Copa do Mundo de 1950. O fato mais relevante, contudo, é a abordagem pela primeira vez na imprensa de outras medidas de preparação para o campeonato mundial que não somente a construção do estádio no Rio de Janeiro, como a elaboração de propaganda do país visando o turismo e a necessidade de um sistema de

transportes eficiente. Isto ocorreu no dia 15 de junho, na coluna de Geraldo Romualdo da Silva no Jornal dos Sports, mas sem repercussão.



Foto 3: À esquerda o cartaz oficial da competição, resultado de concurso realizado pelo governo federal. À direita, peça de publicidade.

2.4.3) Julho

Continua a ampla divulgação das obras e de seu sucesso por parte de Jornal dos Sports. Novamente, o colunista Geraldo Romualdo da Silva toca no assunto das demais medidas de preparação do país para o evento⁴³.

2.4.4) Agosto

No início do mês, a CBD resolve criar comissões para tratar dos demais preparativos: comissão de propaganda, comissão de recepção e atendimento, comissão de alojamento, comissão técnica, comissão de finanças e comissão de transporte⁴⁴. Alguns dias depois, é veiculado o boato, atribuído a Ary Barroso pelo Jornal dos Sports, de que as obras do Estádio

⁴³ Ver edição de 13/07/1949

⁴⁴ Ver edição de 07/08/1949

Municipal estavam em ritmo lento, quase paralisadas, o que é imediatamente desmentido por Mario Filho e pelo próprio presidente da ADEM. Paralelamente, o Jornal dos Sports continuava sua divulgação do andamento das obras.

2.4.5) Setembro

No dia primeiro de setembro o Jornal dos Sports dá a notícia da publicação do decreto que oficializava as desapropriações no entorno do Estádio Municipal para as obras de reurbanização da região. Ao longo do mês, ocorrem novas tentativas de se colocar em pauta na opinião pública os demais preparativos para o mundial, desta vez realizadas por outro colunista do Jornal dos sports, Ricardo Serman, mas também sem muito sucesso⁴⁵. Por último, o presidente da FIFA, Jules Rimet, visita as obras do estádio, fato que contou com ampla cobertura do Jornal dos Sports.



Foto 4: Foto-reportagem registrando a visita do presidente da FIFA ao estádio municipal em construção.

⁴⁵ Ver edição de 02/09/1949

2.4.6) Outubro

Prosseguem tanto a cobertura das foto-reportagens quanto as tentativas de Ricardo Serman e Geraldo Romualdo de fomentar o debate acerca dos demais preparativos⁴⁶.

2.4.7) Novembro e dezembro

Nos meses de novembro e dezembro foi registrada apenas a continuidade das coberturas fotográficas das obras do estádio municipal.

2.5) 1950

2.5.1) Janeiro

Com a proximidade do início da competição, o debate entre apoiadores e opositores do estádio municipal ressurgiu, pois novos boatos eram publicados na imprensa, como a suspeita de que os adquirintes de cadeiras cativas não teriam seus direitos garantidos para os jogos da Copa, por conta de uma exigência da FIFA. Outros boatos relacionados forçaram o presidente da ADEM e o próprio prefeito a vir a público para se pronunciarem a respeito⁴⁷.

2.5.2) Fevereiro

Desaparecem os embates, mas continuam as exaltações e registros por parte do Jornal dos Sports.

2.5.3) Março

É apenas em março de 1950 que é anunciado o início das obras de reurbanização do entorno do estádio municipal⁴⁸.

2.5.4) Abril

São noticiados pelo Jornal dos Sports o andamento das obras de reurbanização do bairro do maracanã e uma cerimônia promovida pelo governo especialmente para homenagear os trabalhadores da obra do estádio no mês de abril, com apresentações de artistas populares⁴⁹.

⁴⁶ Ver a edição de 02/10/1949

⁴⁷ Ver edições de 01/01/1950, 03/01/1950 e 08/01/1950 do Jornal dos Sports

⁴⁸ Ver edição de 08/03/1950 do Jornal dos Sports

2.5.5) Maio

Já no mês de maio, há menos de um mês do início da competição, o trabalho dos operários é estendido para três turnos e a mão-de-obra é reforçada por soldados do exército⁵⁰. É dada ampla publicidade ao andamento das obras e às vendas recordes de cadeiras cativas e perpétuas⁵¹.

2.5.6) Junho

No dia 8 de junho o Correio da Manhã divulgava o último dos boatos envolvendo a obra, o qual consistia na idéia de que, em função de um desentendimento da ADEM com a CBD, a Copa do Mundo não seria mais disputada no novo estádio. Isso forçou a uma pronta resposta de Jornal dos Sports, divulgando depoimento do presidente da CBD que desmentia tudo⁵². A inauguração do Estádio Municipal ocorreu em dois dias: no dia 16, com cerimônia fechada envolvendo o prefeito, o presidente e outros políticos, e no dia 17, com os portões abertos para toda a população e o acontecimento do jogo entre as seleções “de novos” do Rio de Janeiro e de São Paulo.



Foto 5: O estádio municipal em 18/06/1950, dia de sua inauguração. Esta foto foi utilizada na primeira página do Jornal dos Sports de 19/06/1950.

⁴⁹ Ver edição de 02/04/1950

⁵⁰ Ver edições de 26/05/1950 e 31/05/1950 do Jornal dos Sports.

⁵¹ Ver edições de 25/05/1950 e 26/05/1950 do Jornal dos Sports.

⁵² Ver edição de 08/06/1950 do Jornal dos Sports

Tendo em vista a cronologia descrita acima, evidencia-se que os principais períodos de discussão pública sobre a preparação da cidade do Rio de Janeiro para a IV Copa do Mundo foram entre os meses de maio e setembro de 1947, quando tramitou o projeto de lei de construção do Estádio Municipal pela câmara dos vereadores, e entre os meses de março e agosto de 1948, ocasião em que foi lançada a campanha publicitária do empreendimento chamado Estádio Nacional Sociedade Anônima, que concorria e ameaçava diretamente a iniciativa da prefeitura. Houve, ainda, alguns debates em outros momentos, porém mais pontuais e com menor relevância para a sucessão dos fatos levantados.

3) Debates e questões

A partir do levantamento exposto anteriormente e de um exame mais detalhado dos debates foi possível sistematizá-los de forma a traduzi-los em respostas para a presente pesquisa, identificando quais as questões foram postas em discussão na opinião pública mediadas pela imprensa escrita e quais as posições tomadas nos respectivos contextos. Cabe registrar que todas as discussões relacionadas à preparação para a Copa do Mundo e que ganharam maior destaque na imprensa passaram pela construção do novo estádio. Questões relativas à preparação dos sistemas de hospedagens e transporte e à publicidade do evento no exterior voltada para o turismo foram raramente abordadas, e quando isto ocorreu foi apenas em caráter de alerta para a necessidade de se discuti-las, mas sem jamais ter de fato se tornado assunto objeto de debate público⁵³. Por este motivo, o foco dos levantamentos esteve naturalmente concentrado nas questões concernentes à construção do estádio.

3.1) A necessidade de um novo estádio de futebol para o Rio de Janeiro

As reivindicações quanto a um novo estádio de futebol para o Distrito Federal vem à tona imediatamente após a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo. Na verdade, como lembra Mario Filho em sua coluna três dias após a decisão do Congresso de Luxemburgo, esta demanda estava apenas ressurgindo, pois desde a década de 1930 que se

⁵³ Para exemplos destes casos, ver os artigos de Geraldo Romualdo Silva intitulados “O Brasil muito pode esperar da Copa do Mundo”, de 15/06/1949, “Ausente o governo da Copa do Mundo”, publicado em 13/07/1949 e “A ‘Copa do Mundo’ descobre o Brasil, mas o Brasil pouco fez pela ‘Copa do Mundo’”, publicado em 13/01/1950; de Mario Polo, intitulado “O Brasil organiza-se para o campeonato mundial de football”, publicado em 07/08/1949; e de Ricardo Serman intitulado “Perdido o mês de setembro”, publicado em 23/09/1949, todos no Jornal dos Sports.

reclamava a necessidade de uma nova praça de esportes para a cidade⁵⁴. Neste sentido, sediar o evento significava para o cronista, sobretudo, uma grande oportunidade para se tentar mais uma vez tirar o antigo projeto do papel, o que não teria acontecido nos anos anteriores em função de disputas políticas ocorridas entre o Governo Federal e seu Ministério da Educação e a prefeitura do Distrito Federal.

Os principais argumentos de quem defendia a construção de um estádio no Distrito Federal passavam pela insuficiência da infra-estrutura esportiva então existente na cidade. Em função da crescente popularização do futebol nas décadas de 1920 e 1930, mesmo o estádio de São Januário, considerado de grandes proporções na época de sua construção, não mais conseguia acomodar todos os torcedores⁵⁵. E aqueles que conseguiam lugares estavam sujeitos a desconfortos causados pela sobrecarga da platéia e pela falta de infra-estrutura adequada para recebê-la. Em vários momentos Mario Filho e o *Jornal dos Sports* se utilizaram inclusive de episódios registrados no estádio do Vasco da Gama em que ocorreram acidentes com torcedores devido à superlotação para reforçar seus pontos de vista⁵⁶. Outra justificativa apresentada diversas vezes foi a de que um novo estádio com capacidade para mais de 100.000 pessoas faria com que o preço dos ingressos, considerado demasiadamente elevado, caísse, proporcionando a possibilidade de avanço na popularização do esporte⁵⁷.

Por outro lado, os poucos que se opunham a este discurso em alguns momentos afirmavam que as notícias de acidentes e superlotações de São Januário não eram verídicas e em outras oportunidades simplesmente defendiam a reforma e ampliação dos estádios já existentes, principalmente o do estádio do Vasco da Gama, para resolver tanto o problema dos torcedores quanto o da responsabilidade assumida pela CBD de organizar a Copa do Mundo.

Mas vale ressaltar que estas justificativas não eram muito comuns. Mesmo o *Correio da Manhã*, que se opôs quase sempre ao discurso proferido pelo *Jornal dos Sports*, demonstrava certa ambigüidade e falta de unidade na opinião dos seus colunistas especificamente no que tange a esta questão, jamais assumindo uma posição clara. Diocesano Gomes, por exemplo, afirmava ser favorável à construção de um novo estádio, demonstrando sua discordância em outros pontos, como as fórmulas adotadas pela prefeitura para a

⁵⁴ Ver também a coluna de Mario Filho em 26/07/1947 e 31/07/1947

⁵⁵ Ver as colunas de Mario Filho nas edições de 28/07/1946, 07/05/1947, 10/06/1947 e de Vargas Netto em 24/09/1947

⁵⁶ Ver a coluna de Mario Filho em 20/09/1947 e de Vargas Netto em 24/09/1947.

⁵⁷ Ver, por exemplo, a coluna de Vargas Netto em 02/07/1947 no *Jornal dos Sports*

concretização do projeto. Mas esse posicionamento foi várias vezes classificado por Mário Filho como “derrotistas”, pois na verdade teria o objetivo não declarado de inviabilizar a construção do novo estádio, evitando confrontar abertamente uma vontade popular. Já Carlos Lacerda em sua coluna “Tribuna da Imprensa” em algumas ocasiões se colocava a favor da obra, divergindo quanto à localização escolhida, e em outros momentos procurava dar a entender que o estádio não era necessário para a cidade. Mesmo na câmara dos vereadores, o único que se posicionava claramente contrário à obra em qualquer hipótese era Tito Lívio, da UDN, partido de oposição ao governo.

3.2) O custo de oportunidade atrelado à construção de um estádio

O contexto de crise econômica mundial do pós-guerra ajudou a trazer à tona a questão relativa aos recursos que seriam gastos com o estádio e quais setores deixariam de receber investimento público em função daquela obra. De forma recorrente os vereadores opositores, como Carlos Lacerda, afirmavam que hospitais, escolas, a construção de túneis e o apoio a projetos de moradia popular deveriam ser a prioridade da prefeitura⁵⁸. Lacerda expressava sua idéia ao dizer que a construção do estádio significava que “estava vencida a cidade sem leite, sem carne, quase sem pão, a cidade onde morre um tuberculoso de hora em hora, onde faltam 300.000 casas para que haja a média de 4 pessoas por residência”⁵⁹. Tito Lívio acrescentava que “milhares de casas terão de ser destruídas (...) e centenas de milhares de pessoas ficarão ao desalento por causa do estádio”⁶⁰.

Contrapondo-se a estes argumentos, vários colunistas do Jornal dos Sports, como Mario Filho, Vargas Netto, que também era presidente da Federação Metropolitana de Futebol, e João Lira Filho, que era presidente do CND, afirmavam que os estádios também ajudavam a cuidar da saúde do povo e serviam como um preventivo, evitando que parte da população fosse parar nos hospitais. Até mesmo o prefeito Mendes de Moraes se utilizou da justificativa em sua mensagem enviada à câmara quando pediu oficialmente autorização para iniciar a obra: “Não haveria harmonia na política social que aumentasse o número dos

⁵⁸ Ver Correio da Manhã de 13/08/1947 e as colunas “Tribuna da Imprensa” de 11/09/1947, 12/09/1947, 14/09/1947, 16/09/1947 e de 19/09/1947 escritas por Carlos Lacerda no mesmo jornal.

⁵⁹ Correio da Manhã, 12/09/1947.

⁶⁰ Jornal dos Sports, 09/09/1947.

hospitais e reduzisse o das praças esportivas (...) Destinando-se a práticas que fortalecem a conservação da saúde, o estádio deve preceder o sanatório”⁶¹.

Mario Filho também procurava demonstrar em suas colunas que o investimento em estádio não impedia que também se investisse em obras sociais. Em 28 de maio de 1947, escreveu:

Querer combater a construção do estádio do povo porque não se constroem hospitais é fazer demagogia barata. A construção do estádio do povo não impede que se construam hospitais. Não é com o dinheiro dos hospitais que se vai construir o estádio. E o estádio também significa conforto e saúde para o povo que não tem hospitais (Jornal dos Sports).

Outro colunista do Jornal dos Sports, Alfredo Curvelo, chega a colocar em igualdade de prioridades a obra do estádio e as almeçadas construções da ponte ligando Rio de Janeiro a Niterói e do metrô da cidade⁶².

Contudo, a principal resposta articulada pelo governo e pelos apoiadores da empreitada foi a elaboração de um plano de venda de cadeiras cativas e perpétuas, pois afirmavam em diversas ocasiões que ele permitiria à prefeitura não despender recursos, já que os 150.000.000 de cruzeiros necessários seriam pagos pelos donos das 30.000 cadeiras cativas e perpétuas postas à venda⁶³. Segundo Mario Filho, o estádio “seria de graça” e “do povo”, em função deste plano, e isto significava que verbas públicas não seriam utilizadas e, portanto, o dinheiro de projetos sociais não seria afetado. O cronista chegou até a dizer que o estádio ajudaria a construir hospitais e escolas, já que, uma vez em funcionamento, aumentaria a arrecadação do governo municipal⁶⁴. Carlos Lacerda procurou desconstruir em sua coluna no Correio da Manhã esta idéia, dizendo que o estádio custaria um valor muito maior do que o anunciado, pois eram também necessárias obras de reurbanização do entorno dos terrenos do Derby Clube, acompanhadas de desapropriações, e tais custos, que junto com os do equipamento esportivo totalizariam ao menos 500.000.000 de cruzeiros, não estavam cobertos pelos recursos das cadeiras cativas⁶⁵. O vereador argumentava que em nenhum momento foi informado de onde sairia o restante necessário para cobrir esta demanda

⁶¹ Jornal do Sports, 09/08/1947.

⁶² Ver Jornal dos Sports de 18/05/1947.

⁶³ Ver Jornal dos Sports de 22/08/1947, 06/09/1947, 11/09/1947 e 26/10/1947, dentre várias outras edições.

⁶⁴ Ver Jornal dos Sports, 13/08/1947.

⁶⁵ Ver as colunas de Lacerda nos dias 11/09/1947, 12/09/1947, 14/09/1947, 16/09/1947 e 19/09/1947 – Correio da manhã.

financeira. De fato, dentro do material analisado, não há registros de qualquer esclarecimento neste sentido.

Além das questões relativas aos gastos, Lacerda também defendeu que o custo de oportunidade seria alto para o setor de construção civil da cidade, pois, segundo a opinião de alguns especialistas do ramo publicada pelo Correio da Manhã, não havia material suficiente no mercado, como cimento e ferro, e isso implicaria numa crise de fornecimento⁶⁶. Quanto a este ponto, o Jornal dos Sports apenas afirmava, baseado em outros especialistas, que haveria material suficiente sem que causasse danos ao mercado.

3.3) A responsabilidade pela construção do estádio

3.3.1) Estádio nacional ou estádio municipal?

Esta era uma discussão já existente bem antes do Brasil ter sido escolhido sede da Copa do Mundo. Em 1941 fora realizado um concurso pelo Ministério da Educação para escolha do projeto de uma nova arena futebolística no Distrito Federal. Mas, devido ao fato de tanto o governo federal quanto o municipal terem exigido a autoria da obra, evidentemente vislumbrando os ganhos políticos que tal feito poderia trazer, o projeto não saiu do papel⁶⁷. O compromisso assumido em 1946 pela CBD de organizar o evento junto à FIFA pôs novamente em voga a disputa, que ocupou, ainda que de forma branda, as colunas esportivas dos dois meses imediatamente subsequentes ao Congresso de Luxemburgo e o período entre maio e junho de 1947. Mario Filho dava a entender que preferia que o estádio fosse municipal ao mesmo tempo em que o Jornal do Brasil, por exemplo, anunciava sua preferência pelo estádio nacional⁶⁸. Mas este debate estava longe de ser encarado como prioritário por ambos os periódicos. Todos aqueles apologistas do novo estádio a viam com certo temor, pois tinham em mente que tal discussão já havia inviabilizado o projeto uma vez, e por isso a combatiam.

⁶⁶ Ver artigo publicado em 26/09/1947 e intitulado “Praticamente impossível construir um estádio em dois anos: ‘desorganizaria o nosso mercado de materiais e mão de obra’ – diz o professor Maurício Jopper”.

⁶⁷ Ver as colunas de Mario Filho nos dias 17/05/1947, 22/05/1947 e, em especial, a do dia 30/05/1947

⁶⁸ Para esta questão, ver edição do Jornal do Brasil em 04/09/1946 e a coluna de Mario Filho em 31/05/1947 intitulada “Tudo pelo estádio do povo”.

Apesar desta antiga disputa a querela foi resolvida através de entendimento entre o recém-empossado prefeito Mendes de Moraes e o presidente Dutra em torno de um projeto municipal, em junho de 1947⁶⁹.

3.3.2) Estado ou iniciativa privada?

Contudo, a principal discussão quanto à responsabilidade pelo projeto ocorreu em outra esfera, isto é, entre a possibilidade de deixar a tarefa a cargo da iniciativa privada e dos clubes, defendida enfaticamente por Diocesano Gomes, Carlos Lacerda e o Correio da Manhã, e a idéia do governo assumir o papel central no processo, da qual o Jornal dos Sports, o Jornal do Brasil e O Globo eram simpatizantes.

No dia 28 de julho de 1946, logo após a escolha do Brasil como sede do evento, o Correio da Manhã já expunha sua visão liberal de que o governo não deveria se envolver na empreitada, mas, quando muito, conceder incentivos aos clubes. Justificando tal posição, alegava-se que o Estado já tinha muitos outros assuntos e problemas para dar atenção e que os esportes e sua infra-estrutura poderiam ser satisfatoriamente e integralmente gerenciados pela iniciativa privada e clubes. Naquela ocasião, sua seção de esportes trazia a seguinte afirmação:

O que há a fazer é tratar do estádio, não metendo nesse negócio o governo, cujo tempo é pouco para tratar de inflação, coalisão, recepção e outras coisas sérias. Quem tem que tratar do esporte são os esportistas que precisam unir-se para o objetivo comum. O papel do governo deve ser o menos ativo possível...

Tal vespertino foi um dos poucos periódicos, junto com o jornal A Manhã⁷⁰, a apoiar o chamado “Plano Hilton Santos”, que foi apresentado aos clubes e ao presidente da república em agosto de 1946 e previa a construção de estádios em seis capitais brasileiras através da iniciativa dos clubes, mas que, após dois meses de discussão, divergências entre entidades esportivas e a possibilidade crescente de se realizar uma ampliação de São Januário, foi deixado de lado. Em primeiro de setembro de 1946, sua seção de esportes dizia:

O campeonato do mundo está marcado para 1949 e teremos então que apresentar um estádio capaz de realizar os grandes jogos do certame. O governo demonstrou seu interesse e não resta a menor dúvida de que o plano

⁶⁹ Ver Jornal dos Sports de 18/06/1947.

⁷⁰ Ver Jornal A Manhã de 31/07/1946.

Hilton Santos terá a sua merecida consagração, de nada valendo as vozes esparças (sic) e sem expressão que o combatem como inexequível⁷¹.

Indo além, o jornal demonstrava também a sua preferência por um clube específico no que tange à responsabilidade frente a tal processo:

O estádio a ser construído nesta capital será o do Flamengo, porque este clube possui o terreno adequado, tem crédito e quer construir. O governo não deseja senão auxiliar os clubes que queiram fazer suas praças de esportes. Não quer construir estádios, e como o rubro-negro quer é fora de dúvida que mais faz quem quer e não pode do que quem pode e não quer⁷².

Em contrapartida, vários periódicos manifestaram-se negativamente em relação a esta idéia. Em quatro de setembro de 1946, o Jornal do Brasil declararia:

Já tivemos ocasião de manifestar a nossa opinião a respeito do assunto. Impõe-se a construção imediata do Estádio Nacional que é o que, de fato, satisfaz aos interesses reais do esporte nacional e não a construção de grandes campos para clubs que exploram o football profissional que é negócio e não esporte.

Na mesma linha, o Diário de Notícias afirmava: “Não somos nem poderíamos ser contrários a qualquer auxílio sensato aos clubes esportivos. O ‘Plano Hilton Santos’, porém, abusa do princípio de equidade que deve presidir a medidas dessa natureza”⁷³. Também o Jornal dos Sports discordava frontalmente da visão do Correio da Manhã e do próprio plano, pois entendia que ele beneficiaria alguns clubes em detrimento de outros, além de atentar para o fato de que os clubes passavam por graves dificuldades financeiras. Com a falta de apoio político o plano caiu em esquecimento já no fim de 1946.

Entretanto, o mesmo debate ressurgiria com muito mais força dentro de um novo contexto, em março de 1948, quando é lançada a campanha publicitária do chamado Estádio Nacional Sociedade Anônima (ENSA), concorrente direto do Estádio Municipal, cuja

⁷¹ Este ponto de vista foi expresso em diversas outras oportunidades, como nas edições de 08/09/1946, 17/09/1946 e 26/09/1946.

⁷² Correio da manhã, 17/09/1946.

⁷³ Diário de Notícias, 16/08/1946.

aprovação de seu projeto pela câmara dos vereadores já havia ocorrido àquela altura, embora a obra não tivesse sido iniciada. O projeto ENSA estava baseado na venda de títulos que renderiam lucros aos seus detentores, sem lhes conceder cadeiras cativas, e no investimento de grandes empresários⁷⁴, como Fausto Matarazzo, que era quem estava à frente da iniciativa como incorporador⁷⁵. Se por um lado, o ENSA era divulgado e exaltado pelo Correio da Manhã, o Estádio Municipal e as ações da prefeitura eram duramente criticados e vistos com ceticismo. Postura diametralmente inversa era adotada por Mario Filho e outros colunistas de Jornal dos Sports.

José Lins do Rego, por exemplo, afirmava que “os homens de negócio da cidade” tinham resolvido “fazer do esporte um trampolim para seus interesses” após terem percebido o potencial da campanha articulada em torno do Estádio Municipal⁷⁶. No mesmo sentido, o principal argumento utilizado por Mario Filho contra o ENSA foi o de que aquele empreendimento violava a lei vigente, pois explorava comercialmente as atividades esportivas, o que não era permitido pelo decreto 3.199 de 1941⁷⁷. Tal instrumento legal privilegiava, evidentemente, uma concepção mais amadora do esporte, enxergando o lucro a ele relacionado como algo a ser evitado. O Jornal dos Sports acrescentava que o ENSA quebrava o compromisso assumido pelos clubes de reinvestir seus ganhos financeiros no melhoramento do esporte⁷⁸.

Já o Correio da Manhã rebatia dizendo que esse decreto era obsoleto e anacrônico, dando a entender que ele estava descontextualizado da nova realidade de profissionalismo que se estabelecera no futebol brasileiro desde o início da década de 1930, e que, em pouco tempo ele seria substituído por lei mais condizente⁷⁹. Além disso, Diocesano Gomes publicou pareceres de juristas da época, como Justo de Moraes, e a opinião de desportistas de maneira a demonstrar não só que a proibição de auferir lucros através do esporte presente no decreto estaria restrita a esfera dos clubes, não havendo qualquer impedimento às empresas, mas,

⁷⁴ Seção de esportes do Correio da Manhã em 18/03/1948

⁷⁵ Fausto Matarazzo era da família Matarazzo, que possuiu o maior conglomerado industrial do país no século XX. Para maiores detalhes da história da família, ver <http://epoca.globo.com/edic/19990628/matarazzo.htm>

⁷⁶ Em sua coluna no Jornal dos Sports de 07/04/1948.

⁷⁷ Jornal dos Sports de 23/03/1948, 25/03/1948 .

⁷⁸ Jornal dos Sports de 31/03/1948

⁷⁹ Correio da Manhã, 24/03/1948 e 01/04/1948.

ainda, a inconstitucionalidade do mesmo, pois feriria o princípio de livre associação⁸⁰. O *Jornal dos Sports*, em contrapartida, publicava em uma de suas manchetes de abril de 1948 o reconhecimento do CND quanto à ilegalidade contida no projeto ENSA⁸¹.

Além disso, o *Correio da Manhã* defendia a idéia de que uma obra gerida pelo governo tendia a ficar mais cara e que as empresas conseguiriam diminuir consideravelmente seus custos, dando o exemplo de outras iniciativas anteriores como a construção dos estádios do Vasco da Gama e do Bangú que não contaram com a participação do Estado. Mario Filho contra-argumentava afirmando que tais obras não haviam sido realizadas por empresas, mas pelos sócios daqueles clubes e que, tanto nestes casos, quanto no do estádio municipal, muitos trabalharam sem receber remuneração, isto é, “por amor” ao clube ou, no caso em foco, à pátria, fato que jamais poderia acontecer no caso do ENSA. Por isso, para Mario Filho, acontecia exatamente o contrário, ou seja, as obras do estádio municipal tendiam a ser mais baratas do que as do ENSA, pois, no primeiro caso, as pessoas estavam afetivamente envolvidas e assim abriam mão de salários e lucros. O cronista utilizava como exemplo o trabalho não remunerado dos “vendedores” e promotores das cadeiras cativas, grupo em que se incluía⁸².

Por último, Mario filho procurava chamar a atenção para outras perspectivas, como a que dizia que o estádio municipal, por ser implementado pela prefeitura, seria de todos os clubes, enquanto o ENSA seria de uma empresa e isso tenderia a penalizar as entidades esportivas⁸³. Sobretudo, o *Jornal dos Sports* recorrentemente enfatizou que o surgimento do ENSA visava tão somente impedir a construção do estádio municipal e jamais se tornaria realidade.

Fica evidente o predomínio, especialmente neste assunto, do embate entre duas visões da gestão esportiva: uma que privilegiava o amadorismo e outra que defendia a continuação da implantação do profissionalismo no esporte em todas as suas esferas. Sem dúvida, também estavam envolvidos os pontos de vista liberal, de menor participação do Estado na economia e o do intervencionismo estatal.

⁸⁰ Ver artigo intitulado “Um parecer sobre o estádio nacional”, na seção de esportes de 04/04/1948 e edição de 06/04/1948.

⁸¹ Manchete da edição de 17/04/1948: “Reconhece o CND a ilegalidade dos propósitos da Estádio Nacional S.A. – dentro de alguns dias uma nota oficial”

⁸² *Jornal dos Sports*, 10/04/1948

⁸³ *Jornal dos Sports*, 25/03/1948

3.4) A viabilização do empreendimento

As discussões relacionadas às possíveis formas de se transformar o projeto de um estádio em realidade estiveram diversas vezes ligadas ao embate anteriormente abordado, isto é, à responsabilidade institucional por tal projeto. Mas, por conta de suas respectivas particularidades, ambos serão tratados separadamente.

3.4.1) O plano de venda de cadeiras cativas

Conforme já visto, o plano de venda de cadeiras cativas foi criado sobretudo para viabilizar a construção do novo estádio sem comprometer verbas públicas num momento de crise mundial e de poucos recursos disponíveis nos cofres da prefeitura. Tal discurso foi prontamente adotado pelo Jornal dos Sports desde a publicação da idéia, em maio de 1947, até as vésperas da Copa do Mundo. Porém, tanto no Correio da Manhã quanto na câmara de vereadores, os opositores do projeto argumentavam que utilizar a renda de 30.000 assentos ao longo de cinco anos para pagar a construção do estádio prejudicaria os clubes e demais entidades esportivas como a CBD e a FIFA, pois teriam seus ganhos diminuídos⁸⁴. Como consequência, nem os clubes, nem a CBD, nem a FIFA aceitariam ter seus jogos disputados no estádio municipal, tornando-o um “estádio-fantasma”. Baseados nessa lógica, tanto Lacerda quanto Diocesano Gomes qualificavam os adquirintes de cadeiras cativas e perpétuas como pessoas de pouca inteligência e ingênuos, já que pagariam para não ver nada e seriam os maiores prejudicados por tal empreitada. Ambos defendiam que este formato de financiamento só poderia dar certo se fosse assumido por um clube e que o mesmo não fazia sentido para um estádio público. Além disso, Lacerda duvidava que houvesse na cidade 30.000 fãs de futebol com condições de pagar 5.000 cruzeiros por uma cadeira cativa⁸⁵.

Para se contrapor a estas declarações, Mario Filho afirmava e insistia que, embora a renda dos 30.000 assentos não pudesse estar disponível aos clubes ao longo dos cinco primeiros anos de funcionamento do estádio municipal, o mesmo teria capacidade total para 155.000 torcedores e que, portanto, a renda oriunda dos demais assentos não comprometidos pelo plano superaria bastante os ganhos que eram auferidos pelos clubes sem o estádio, já que a capacidade de acomodação da platéia em São Januário e nos demais campos era muito

⁸⁴ Cabe destacar o texto intitulado “O Estádio Novo (e a mania da pedra fundamental)” de Carlos Lacerda em 16/09/1947 e “O estádio com cadeiras cativas” publicado na Seção de Esportes de 20/01/1948.

⁸⁵ Ver por exemplo a coluna de Lacerda em 11/09/1947, seção de esportes de 05/06/1947 e a edição de 22/01/1948, que reagia ao lançamento da pedra fundamental do Estádio Municipal.

limitada. Portanto, mesmo com a venda de cadeiras cativas, levar jogos para o estádio municipal seria financeiramente interessante. Acrescentava-se a tal argumentação a suposição de que o grande aumento de capacidade trazido pelo novo estádio possibilitaria a diminuição dos preços dos ingressos, pois até então os clubes estariam elevando os preços das entradas em São Januário justamente para aumentar seus rendimentos e isso não seria mais necessário⁸⁶.

Na verdade, ambos os lados buscavam empolgar ou desanimar o público a aderir ao plano e a adquirir uma cadeira cativa, de acordo com seus respectivos interesses, pois sabiam que o sucesso ou fracasso da iniciativa de se construir o estádio municipal em muito dependiam disso. Não foi à toa que, mesmo nos momentos em que pouco havia para ser noticiado em relação ao assunto, como, por exemplo, em boa parte do ano de 1949, o Jornal dos Sports mantinha a frequência de inúmeras matérias mostrando celebridades adquirindo cadeiras cativas, publicando recordes de venda ou mostrando a evolução das obras, ações que procuravam encorajar compradores em potencial, cujas dúvidas em relação ao sucesso do empreendimento ainda persistiam. Tais incertezas, sempre que possível, eram reavivadas pelo Correio da Manhã, ora afirmando a inexequibilidade do plano ora divulgando qualquer contratempo ocorrido na venda de cadeiras cativas.



Foto 6: Foto-reportagem publicada na capa do Jornal dos Sports em 19 de setembro de 1948.

⁸⁶ Colunas de Mario Filho nos meses de junho, julho e agosto de 1947 abordaram recorrentemente o tema.



Foto 7: Nelson Rodrigues e outras celebridades adquirindo suas cadeiras cativas, publicada no Jornal dos Sports em 04/04/1948.

3.4.2) Concorrência pública na escolha do projeto

Carlos Lacerda, em vários de seus depoimentos na câmara dos vereadores e em suas colunas jornalísticas sobre o assunto, condenava veementemente o fato da escolha do projeto não ter passado por um concurso público ou qualquer mecanismo meritocrático equivalente⁸⁷. Na época das discussões na câmara, tanto o governo quanto o Jornal dos Sports alegavam que não havia tempo para se realizar tal processo de seleção (até setembro de 1947, a IV Copa do Mundo ainda estava marcada para junho de 1949) e que, por isso, a prefeitura criou uma comissão para avaliar três projetos disponíveis, sendo que um deles, o do arquiteto Pedro Paulo Bastos, já havia sido aprovado em concurso público realizado em 1941 pelo Ministério da Educação⁸⁸. Além disso, Mario Filho afirmava que a execução do projeto passaria por licitação e que a pressão feita por Carlos Lacerda nesse sentido visava apenas retardar o processo de votação da lei que autorizava o prefeito a realizar a obra⁸⁹.

⁸⁷ Ver registros do discurso de Lacerda na câmara de vereadores publicado em 13/08/1947 no Correio da Manhã, bem como a coluna do vereador no dia 15/08/1947

⁸⁸ Ver Jornal dos Sports de 22/05/1947, 12/07/1947, 15/08/1947, 16/08/1947 e 22/08/1947.

⁸⁹ Jornal dos Sports, 22/08/1947.

A autoria do projeto vencedor também provocou outros conflitos. Lacerda acusava João Lira Filho de apoiar o projeto do arquiteto Rafael Galvão, já que ambos haviam trabalhado juntos na Caixa econômica Federal⁹⁰. Mario Filho, por sua vez, identificava Ary Barroso e Hilton Santos como apoiadores do chamado “Projeto Italiano”, que contava com arquitetos italianos e um brasileiro, e dizia isso em função de ter percebido uma mudança de postura do vereador e do desportista após a comissão nomeada pelo prefeito em junho de 1947 não ter escolhido este projeto⁹¹. Já a numerosa bancada comunista, que no início das discussões na câmara dos vereadores se declarou a favor da construção do estádio, após algumas semanas resolveu apresentar emendas ao projeto de lei original na tentativa de conseguir barganhar a possibilidade de Oscar Niemeyer, arquiteto comunista, ser o autor do projeto do estádio, tentativa que não teve sucesso⁹².

3.5) A localização do novo estádio

Embora todas as questões aqui levantadas tenham sido importantes nos debates acerca dos preparativos para a Copa do Mundo, nenhuma alcançou um nível tão elevado, nem ocupou tanto as páginas dos jornais pesquisados quanto aquela relacionada à localização do novo estádio que seria construído. Na verdade, este foi o tópico mais diretamente ligado às possibilidades de intervenções e impactos urbanos na cidade e a decisão acerca do mesmo teve papel relevante nos rumos do desenvolvimento urbano carioca.

Foram encontradas menções a cinco diferentes opções de localização do novo estádio ao longo da pesquisa: nos terrenos do antigo Derby Clube, no bairro do Maracanã; na baixada de Jacarepaguá, às margens da Lagoa da Tijuca; no bairro de Irajá, às margens da Avenida Brasil; nos terrenos do antigo Jardim Zoológico, em Vila Isabel; e no lugar onde hoje se encontra o Aeroporto Santos Dumont.

Entre todas elas, as únicas que não foram apenas sugeridas, mas que entraram efetivamente em processo de discussão pública nos jornais foram as três primeiras citadas. O local do antigo jardim zoológico foi sugerido uma única vez, em 28 de setembro de 1947, pela seção de esportes do Correio da Manhã. O mesmo ocorreu com a opção pela região do “calabouço”, no Aeroporto Santos Dumont, que surgiu em 22 de junho de 1947 no Jornal dos Sports, pouco antes do projeto de lei entrar em votação na câmara municipal. Esta idéia era

⁹⁰ Ver coluna de Lacerda em 11/09/1947

⁹¹ Ver coluna de Mario Filho em 20/07/1947.

⁹² Jornal dos Sports, 04/10/1947 e Correio da Manhã de 11/09/1947.

defendida pela bancada dos vereadores comunistas, mas em pouco tempo foi esquecida e ignorada.

3.5.1) Bairro do Maracanã/Derby Clube

A opção pelo terreno do antigo Derby Clube, no Maracanã, já havia sido cogitada na época do concurso público para seleção de um projeto de Estádio Nacional, realizado em 1941. Naturalmente, foi esta a primeira localização considerada com a escolha do Brasil como sede da IV Copa do Mundo de futebol.

Esta alternativa era a defendida pelo Jornal dos Sports e por outros periódicos como O Globo e o Jornal do Brasil desde então e logo seria oficialmente acatada pelo governo municipal e federal, com o envio da mensagem do prefeito à câmara dos vereadores em agosto de 1947. Mas, sem dúvida, o principal defensor de tal posição foi Mario Filho, que prontamente argumentava contra qualquer tentativa de se defender outra possibilidade de localização.

Foram vários os argumentos utilizados para defender o novo estádio no antigo Derby Clube. O primeiro deles dizia que aquele terreno já estava em vias de aquisição por parte da prefeitura, pois seriam permutados por outros do governo federal às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas que eram pleiteados pelo clube hípico⁹³. Outra justificativa utilizada por seus defensores era o fato de que a região já contava com infra-estrutura de transportes, como a linha férrea, além de ser de fácil acesso tanto para moradores da Zona Sul quanto da Zona Norte e dos subúrbios. Mas o principal dos argumentos baseava-se nas benesses que o estádio levaria àquela região da cidade, sobretudo o alargamento das ruas ao redor, que melhoraria a comunicação viária entre as zonas norte e sul da cidade e seriam necessárias para comportar o aumento dos fluxos em decorrência do novo atrativo⁹⁴, e as obras de canalização do rio Maracanã e dos demais próximos ao estádio, as quais resolveriam os já antigos problemas de inundação do bairro⁹⁵. Em matéria de primeiro de setembro de 1949, Jornal dos Sports argumentava que:

Dentre os principais benefícios que o Estádio Municipal trará para a cidade, pode ser citado como dos maiores o grandioso plano de urbanismo que será

⁹³ Jornal dos Sports, 09/08/1947

⁹⁴ Jornal dos Sports, 24/06/1947, 07/03/1948

⁹⁵ Jornal dos Sports, 09/08/1947, 14/08/1947 e 20/03/1948

executado na Zona Norte na qual serão abertas vias de acesso de extraordinária envergadura para a colossal praça de esportes como principalmente para solução definitiva do problema das enchentes que periodicamente flagelam a população dos importantes bairros adjacentes às bacias dos rios Trapicheiro, Joana, Maracanã e outros (pg. 01).

Da mesma forma, a diminuição dos problemas com desapropriações em virtude da considerável quantidade de imóveis então pertencentes à União nas proximidades também foi utilizada como justificativa⁹⁶. Outro fato de grande importância utilizado foi o resultado da pesquisa realizada pelo IBOPE e divulgada por Ary Barroso na câmara dos vereadores, em meio às votações do projeto de lei, e posteriormente pelo Jornal dos Sports que apontava um grande apoio popular à localização do estádio no antigo Derby Clube. Sobre este levantamento, o periódico trazia algumas conclusões:

- a) “o povo em apreciável proporção gosta de esportes em geral e de football em particular”;
- b) “o povo quer um estádio para a cidade (95 % dos “aficionados por futebol” e 80 % da população)”;
- c) “o povo entende que deveria ser localizado no Derby clube (85 % dos aficionados por futebol e 57 % do população)”;
- e
- d) “o povo está disposto a arcar com algum sacrifício para ver realizado esse seu desejo”⁹⁷.

⁹⁶ Jornal dos Sports, 24/06/1947

⁹⁷ Jornal dos sports, 19/08/1947

A BATALHA DO ESTADIO NUMEROS QUE FALAM DA VONTADE DO POVO

Não Concordou O Botafogo Na Antecipação Com O S. Cristovão

Uma das grandes atrações da próxima rodada pelo campeonato da cidade, é o encontro que reunirá São Cristovão e Botafogo, no estádio da rua Figueira de Mello.

Traza-se, como se sabe, de um choque entre os dois tradicionais e o seu resultado, pelo menos na situação atual, parece desempenhar capital importância na ordem dos es-

portivos. Outros e São Cristovão ageriu ao seu sentido a antecipação do jogo para a tarde de sábado, invocando a "benção" que acarreta a antecipação. Entretanto, o

Botafogo não concordou com a ideia, justificando que tinha varias razões em relação ao Departamento Médico. Em face de seriedade a parte se- ra mesmo desmerece.

do campo do Bonsucesso.

A OPINIAO DO POVO EM GERAL

Em Janeiro do corrente ano já havíamos abordado superficialmente o assunto, quando da nossa sondagem internacional para o Gallup Poll, perguntando ao público: "O Estadio para o Rio deve ser construido pela Prefeitura ou pelos Clubes?"

E a resposta, então, foi:

Pela Prefeitura	59.1 %
Pelos clubes	14.9 %
Não sabem ou não opinam	26.0 %
	100.0 %

Por esse motivo não incluímos pergunta semelhante na nossa sondagem que ora comentamos, pois já conhecíamos há muito a atitude do povo em relação ao assunto.

Vejamos, pois, como se comportou o povo em face das perguntas do nosso questionario.

P. — O SR. (A) ACHA NECESSARIA A CONSTRUÇÃO DE UM ESTADIO PARA A CIDADE?

	Povo em geral	Só aficionados
Sim	79.2 %	95.6 %
Não	18.3	4.6
Não sabem	1.5	0.2
Não opinam	1.0	0.3

A quase unanimidade dos amantes do football é fortemente a favor da construção do Estadio. Raramente, em pesquisas de opinião pública, temos encontrado manifestações tão unânimes.

P. — ONDE DEVERIA SER LOCALIZADO O ESTADIO?

	Povo em geral	Só aficionados
Derby Club	56.8 %	85.3 %
Jacarepaguá	9.7	6.4
Outras sugestões	6.9	4.9
Não sabem ou não opinam	26.6	5.4

Entre os frequentadores de competições o indice dos que preferem a localização no Derby Club aumenta sensivelmente. Gostaríamos de estudar as respostas desses nossos entrevistados em função dos bairros em que moram, pois existem elementos, no questionario, que o permitiriam, mas temos apenas 4 horas para fazer todo o presente comentario e não há tempo bastante. Basta-nos entretanto, salientar, que, de três entrevistados que residem em Jacarepaguá, somente um é a favor da localização do Estadio nesse bairro.

Fotos 8 e 9: Jornal dos Sports de 19/08/1947 divulgando a pesquisa de opinião realizada pelo recém-criado IBOPE.



Foto 10: Reprodução de foto do projeto do Estádio Municipal para o bairro do Maracanã no terreno do antigo Derby Clube estampada na primeira página do Jornal dos Sports de 23 de outubro de 1948. Percebe-se a tentativa de exaltar a obra com o intuito de incentivar os leitores a adquirirem títulos de propriedade de cadeiras cativas, como também demonstra a própria manchete.

Em contrapartida, Carlos Lacerda e o Correio da Manhã combatiam enfaticamente essa possibilidade, utilizando os problemas relativos tanto às desapropriações que ocorreriam em função das obras quanto ao alto valor de aquisição dos terrenos necessários para realizar as ações planejadas⁹⁸. Afirmavam ainda que os bairros que circundavam os terrenos do Derby Clube eram antigos, possuíam ruas estreitas e o alargamento delas seria muito custoso e, caso não fossem realizados após a construção do estádio, haveria problemas de congestionamento nestas áreas adjacentes. Por último, apontavam a falta de espaço para estacionamento de

⁹⁸ Correio da Manhã, 20/06/1947,

veículos na região como outro problema grave⁹⁹. Em resumo, a posição dos opositores do estádio no antigo Derby Clube estava baseada na assertiva de que os mentores da idéia não estavam levando em consideração os aspectos urbanísticos, sociais e econômicos, mas tão somente aspectos técnicos da construção em si.

3.5.2) Baixada de Jacarepaguá (atual Barra da Tijuca)

A proposta de localização do estádio municipal na baixada de Jacarepaguá, mais especificamente onde hoje se encontra o bairro da Barra da Tijuca, veio a público em junho de 1947, e foi defendida fervorosamente por Carlos Lacerda até o fim da votação do projeto de lei, em setembro de 1947. Esta opção foi colocada como a principal alternativa ao projeto oficial e estava baseada em um antigo projeto de 1938 elaborado pelo engenheiro Antônio Laviola, que havia sido concebido para se construir uma “cidade olímpica” para a capital, visando dotar o distrito federal de infra-estrutura esportiva profissional a fim de trazer ao país eventos como os Jogos Olímpicos de verão¹⁰⁰.

Vários argumentos foram utilizados para se reivindicar a escolha deste projeto em detrimento do proposto pela prefeitura: as terras na baixada de Jacarepaguá eram muito mais baratas do que as do Derby Clube e a maior parte delas estava disponível, possibilitando construir o que seria a “cidade olímpica mais barata do mundo”; aquela área, até então posta em segundo plano pelo desenvolvimento precedente da cidade, seria urbanizada; esta urbanização possibilitaria não só a construção de uma avenida para a região de 60 metros de largura já projetada pela Secretaria de Viação e Obras, mas também acabar com o foco de malária lá existente, assim como havia ocorrido na ocasião da construção do Itanhangá Golf Club próximo dali que também sofria com o mesmo problema; o estádio estaria situado na Avenida Olegário Maciel, um ponto de confluência de grandes vias, como a Avenida Niemeyer, a estrada da Tijuca, a Estrada da Pavuna e a estrada do Pau-ferro; já havia a previsão de se construir ramais de trem em direção ao local, um saindo de Madureira e outro de Bento Ribeiro; e, por último, a construção desta “cidade olímpica” possibilitaria tornar o Rio de Janeiro sede das Olimpíadas¹⁰¹.

⁹⁹ Correio da Manhã, 22/06/1947, 13/08/1947, 15/08/1947, 19/08/1947 e 16/09/1947

¹⁰⁰ Ver LAVIOLA, 1938.

¹⁰¹ O Correio da Manhã dedicou vários artigos em defesa desta alternativa expondo tais argumentos, em especial os intitulados “A pluralidade das fórmulas para o estádio” de 20/06/1947, “Teríamos a primeira cidade olímpica do mundo” de 22/06/1947 e “O estádio na restinga de Jacarepaguá”, de 24/06/1947 bem como algumas colunas de Lacerda nos meses de agosto e setembro do mesmo ano.

ANTE-PROJETO PARA A CIDADE OLIMPICA (A SER CONSTRUIDA NA RESTINGA DE JACARÉPAGUÁ)

ANTONIO A. LAVIOLA

(Da Secretaria Geral de Viação, Trabalho e Obras Públicas)

A idéia que teve o Comandante Atila Soares de agitar a questão da construção de um Estádio, pôde ser considerada uma das mais felizes no momento, pois não só este ilustre engenheiro teve o senso da oportunidade para dar ao Brasil uma obra de real valor, como também fez com que, de raldão, fossem levadas a abordar outros problemas de ordem técnico-construtiva, urbanística, desportiva, social, moral e intelectual. E é assim que, sentindo-me perfeitamente identificado com a sua maneira clara, ampla e extraordinariamente previsionária de encarar as coisas, apaixonado como sou por todos os problemas urbanísticos e principalmente os desportivos, apresento hoje, como primeiro ensaio, um ante-projeto do que poderá e deverá ser feito, tendo sempre em mira a **eugenia da raça**.

Considerando que o Brasil no grande surto de progresso que vem tendo, não pôde adiar para mais tarde a solução desse magno problema da nossa raça;

E considerando ainda que o governo, compreendendo e querendo interpretar de maneira a mais rigorosa a divisa (*Mens Sana in corpore Sano*), estabeleceu em seu programma (do Estado Novo) grandes planos para a proteção e oficialização dos desportos, sinto-me perfeitamente encorajado a apresentar este meu modesto trabalho com o unico fim de estimular e agitar esta questão que ao se tornar realidade implicará, também, na solução de outros problemas complementares também de grande significação social para nós.

Assim, de um modo geral, posso assegurar que a simples facta de desde já se pensar em reservar uma area para a futura cidade Olimpica, nos trará uma economia tanto mais apreciavel quanto menos tempo levarmos em tornar o nosso plano efetivo. Esta area de 4.000.000m², aproximadamente, por mim indicada, que hoje poderá valer 2\$000 o metro quadrado, valerá 200\$000 ou mesmo 500\$000 o metro quadrado quando a cidade lá tiver chegado.

Nunca é de mais a previsão quando ela é feita com orientação inteligente e objetiva são — e por isso pôde-se mesma dizer: **Prever é economisar**.

Quando no seculo passado D. João VI localisou a nossa actual Jardim Botânico ás margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, isto é, a 12 kilometros do centro da cidade, época em que pela nossa urbs só tráfegavam carros de bois e liteiras, é bem possível que

alguem tivesse dito: "Que laocura, meu Deus! Com tantas terras em redor do Morro do Castelo! (chacaras da Floresta). A 200 metros do Largo da Lapa já encontramos cobras e este governante doido instalou um jardim em plena selva! — Ninguém vai lá!" Hoje é, das nossas causas, grande motivo de orgulho, com autentica projecção internacional no meio Botânico.

Assim eu justifico o projeto apresentado e com estes argumentos e mais outros milhares de ordem tecnica, desportiva, economica e social eu o defenderei!

As praças e avenidas amplas que projetei não são senão fruto de larga ponderação e experiencia.

Nos maiores centros esportivos europeus e Sul-Americanos aprendi observando, estudando e tirando conclusões, não só como engenheiro mas também como campeão de natação que fui durante dez anos consecutivos.

O cuidado que empreguei ao localizar este ou aquele órgão desportivo, foi sempre estribado na dupla experiencia de engenheiro e antigo atleta — e assim é que, de uma maneira geral, acham-se aqui previstos todos os órgãos desportivos, físicos e intellectuais, que compõe o olimpismo, desde os desportos de campo de pista, — dos desportos aquáticos e nauticos, — dos desportos equestres e motorisadas, — até os desportos artisticas e intellectuais, — como sejam:

DESPORTOS DE CAMPO

- Foot-ball
- Hand-Ball
- Rugby
- Basket-Ball
- Volley-Ball
- Pelota
- Tennis
- Hockey
- Base-Ball
- Ginastica ritimica
- Ginastica de aparelho.

tudo ou em parte esse melhoramento, e é distribuido entre as varias parcelas de terreno desse territorio, de acordo com o beneficio recebido pelas diferentes parcelas.

Foto 11: Texto de apresentação do ante-projeto "Cidade Olímpica" (LAVIOLA, 1938).

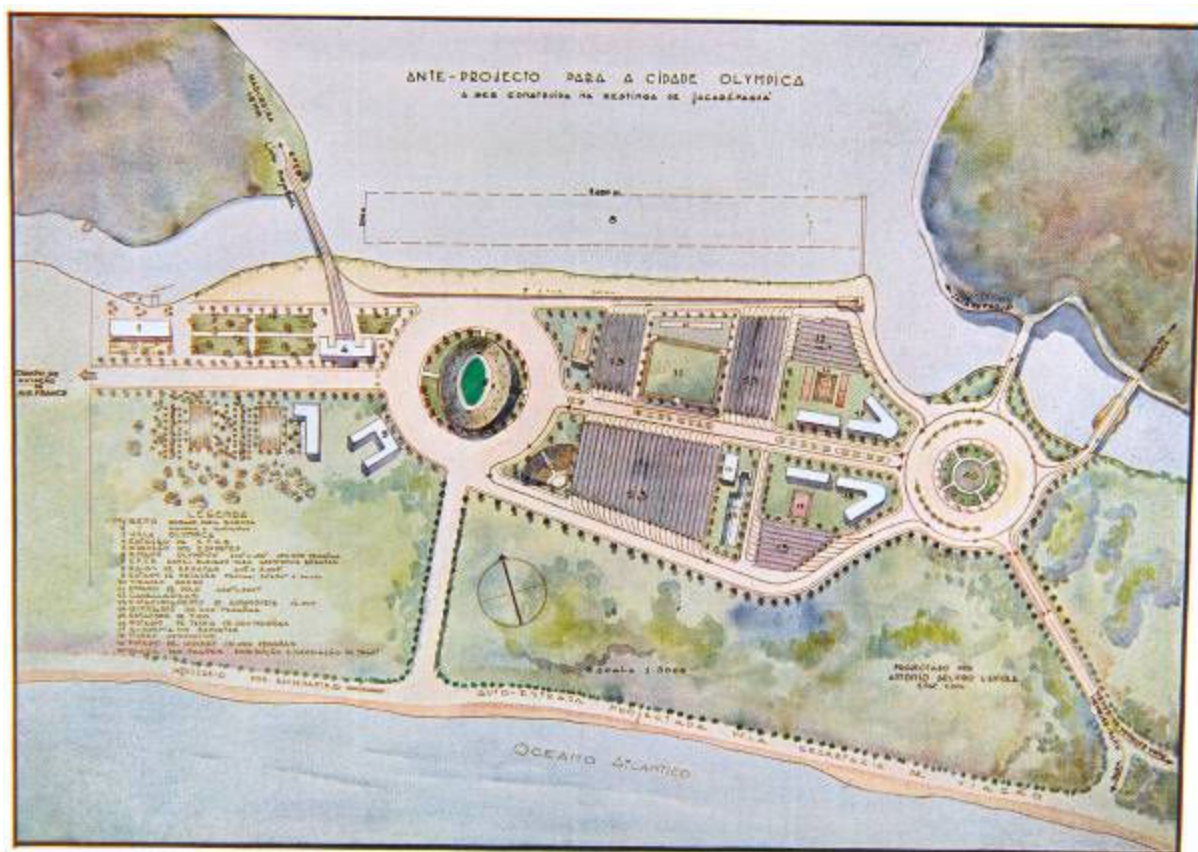


Foto12: Ilustração do ante-projecto “Cidade Olímpica” demonstrando a disposição territorial dos equipamentos esportivos entre à Lagoa da Tijuca e a praia. (LAVIOLA, 1938)

O Correio da Manhã também procurava ligar todas as justificativas citadas a um suposto projeto de cidade integrada, conforme mostra o trecho abaixo de 15 de agosto de 1947:

Seria, em princípio, de toda conveniência, interessar à Estrada de Ferro Central do Brasil e o (sic) Governo Federal na construção de obra tão monumental, obtendo que concretizassem os projetos já estudados de construção do ramal eletrificado do Vale de Jacarepaguá, atendendo, assim, as (sic) necessidades de ligar a cidade num todo constituído, em vez de rumos divergentes que ela segue agora (pg. 12).

De forma a combater estas justificativas, Mario filho, Ary Barroso e o Jornal do Sports afirmavam que não havia tempo suficiente para a implementação de toda a infra-estrutura de transportes proposta para conectar o local que viria a ser o atual bairro da Barra da Tijuca às áreas centrais da cidade, pois, na época deste debate (julho/agosto/setembro de 1947) faltavam menos de dois anos para o início até então previsto do evento. Defendiam também não só que a localização no Derby tinha apoio popular muito maior, comprovado pela já citada pesquisa de opinião, mas também que o objetivo principal deveria ser primeiro o de

organizar a Copa do Mundo da melhor forma possível, para depois se pensar nas Olimpíadas, pois entendiam que o sucesso da primeira tarefa seria a melhor forma de se conseguir reconhecimento para ser bem-sucedido na segunda. Mario Filho afirmou inclusive que o estádio no Derby também poderia se transformar em uma “verdadeira cidade olímpica”, com instalações para várias outras modalidades, isto é, pistas de atletismo, piscinas, ginásio, assim como a proposta feita para a restinga de Jacarepaguá¹⁰², permitindo posteriormente à cidade pleitear a organização das olimpíadas¹⁰³. Além disso, em alguns momentos foram levantadas suspeitas acerca da posse tanto de Lacerda quanto de Laviola sobre propriedades naquela região de Jacarepaguá, dando a entender que estes procuravam se beneficiar com a especulação imobiliária¹⁰⁴, o que logo foi negado por ambos no Correio da Manhã¹⁰⁵. Por último, o fato de a região ser considerada um foco de malária também funcionava como um motivo alegado para se evitar a implantação do estádio municipal no local¹⁰⁶.

Evidenciou-se que a escolha dos terrenos do Derby em detrimento dos da baixada de Jacarepaguá/Barra da Tijuca para o estádio municipal ocorreu em função do forte apoio do governo na câmara dos vereadores¹⁰⁷, da simpatia que a população tinha pela primeira opção, em muito fomentada pelo Jornal dos Sports, e da ameaça constantemente lembrada por Mario Filho de o Brasil dar um vexame e cair em descrédito perante os demais países em função da demora desnecessária em se escolher um projeto e tomar decisões, o que levaria ao insucesso da tarefa de organizar a competição.

3.5.3) Irajá

Esta opção só veio a público com o início da campanha publicitária do Estádio Nacional Sociedade Anônima (ENSA). Isto ocorreu em um contexto diferente do da

¹⁰² Ver artigo de Mario Filho intitulado “Por que só há um local para o Estádio da cidade”, de 19/06/1947.

¹⁰³ Ver artigo de Mario Filho intitulado “Só há um local para o Estádio: o Derby”, de 21/06/1947.

¹⁰⁴ Ver coluna de Vargas Netto no Jornal dos Sports de 17/09/1947 e de Cesar Seara no mesmo periódico em 28/09/1947.

¹⁰⁵ Ver carta de Antônio Laviola em resposta a Ary Barroso, publicada na coluna de Carlos Lacerda do dia 28/08/1947.

¹⁰⁶ Ver pronunciamento de Ary Barroso na câmara de vereadores publicado pelo Jornal dos Sports em 14/08/1947.

¹⁰⁷ Em todo o material analisado, pôde-se identificar apenas Carlos Lacerda, Tito Livio, Breno da Silveira e Adauto Lúcio Cardoso, todos eles afiliados a UDN, como os vereadores que invariavelmente defendiam outra alternativa que não aquela relacionada aos terrenos do Derby Clube.

discussão anterior, em março de 1948, dois meses após o lançamento da pedra fundamental do estádio municipal, que já havia tido seu projeto de lei aprovado pela câmara dos vereadores e sancionado pelo prefeito no final do ano de 1947.

O ENSA se contrapunha claramente à iniciativa do governo e seus apoiadores, que naquele momento aguardavam a criação da autarquia responsável pela empreitada do estádio municipal e o subsequente início das obras. O único argumento que a propaganda do ENSA e o Correio da Manhã utilizavam a seu favor no que tange à localização era o de que o acesso ao local era facilitado, pois se encontrava às margens de uma das principais vias da cidade, a Avenida Brasil, e a menos de 20 minutos da Avenida Rio Branco, situada no centro da cidade. Mas o Jornal dos Sports não se deteve neste detalhe, sobretudo, por conta dos embates concernentes às duas opções de estádio terem perpassado muito mais pela escolha entre um projeto do governo ou da iniciativa privada, do que propriamente pelas suas respectivas localizações. Não foram encontrados registros de alusão a impactos territoriais que poderiam ser trazidos pela opção de construção do ENSA.

Um monumento de que se orgulhará o Brasil de amanhã!

Todos os brasileiros que compreendem a importância do esporte para o desenvolvimento sãguico do nosso povo não negarão seu apoio aos idealizadores do Estádio da E. N. S. A. — uma das realizações grandiosas de que se orgulhará o Brasil de amanhã! O Estádio de futebol da E. N. S. A., a ser construído em terrenos situados a menos de 20 minutos da Avenida Rio Branco, fará parte de uma Vila Olímpica monumental, com acomodações para 100.000 pessoas sentadas! Futebol... basquetebol... voleibol... atletismo... tênis... ciclismo... natação... todos os esportes, enfim, num ambiente moderno, a altura do nosso nível esportivo.

Coopere, também Você, para o êxito dessa arrojada iniciativa, que virá transformar em realidade o grande sonho dos esportistas brasileiros. Coloque uma pedra nos alicerces do Estádio da E. N. S. A. — e será um dos seus futuros proprietários! Solicite informações detalhadas na sede da E. N. S. A.

Uma ação da E. N. S. A. representa: Uma grande realização — Uma perfeita garantia de capital empregado — A vitória do espírito esportivo brasileiro.

E.N.S.A.
ESTÁDIO NACIONAL SOCIEDADE ANÔNIMA
RUA 7 DE SETEMBRO, 65 — 1.º — FONE: 43-8038
Incorporador: FAUSTO MATARAZZO

Foto 33: Anúncio publicitário do estádio ENSA. Jornal dos Sports, 27 de junho de 1948.

3.6) Aspectos simbólicos

È notório que as disputas materiais comumente desenvolvidas na sociedade possuem relações com disputas simbólicas, formando em conjunto uma arena ou um campo caracterizado pela quantidade e qualidade dos diferentes capitais pertencentes aos agentes sociais nele envolvidos (BOURDIEU,2009). De acordo com Bourdieu, “mesmo em nossas sociedades (...) a autonomização do aspecto econômico das ações nunca se realiza de maneira tão perfeita a ponto de fazer com que as ações mais diretamente orientadas para fins econômicos sejam totalmente desprovidas de funções simbólicas” (2009, p. 23). Tal reflexão é particularmente pertinente no caso aqui estudado pois há evidências de que os megaeventos têm se configurado, desde o início do século XX, como uma oportunidade especial para veiculação de mensagens e ideologias (ROCHE, 2000), o que fortalece ainda mais a importância da consideração desta esfera de análise.

Desta maneira, a construção de um estádio para a Copa do Mundo no Rio de Janeiro não envolveu apenas disputas materiais acerca do projeto e suas conseqüências, mas também aspectos simbólicos que serviram como meios de legitimar a execução dos respectivos projetos propostos, bem como a ordem social vigente. Neste âmbito, o Jornal dos Sports e seu redator e colunista Mario Filho desempenharam papel preponderante na tarefa de fomentar o interesse pelo assunto junto à opinião pública e torná-la simpática às suas posições.

Todo um arquétipo de símbolos foi desenvolvido para dar suporte às ações planejadas pelo governo. Em primeiro lugar, cabe ressaltar a escolha de um nome para as disputas encampadas pelo jornal acerca da construção da nova arena esportiva, qual seja, “A Batalha do Estádio”. Tal expressão foi não apenas bastante utilizada por Mario Filho em suas colunas ao tratar do tema, como também deu nome a uma sessão especial de seu periódico onde o assunto era abordado ao menos semanalmente, quando não cotidianamente, trazendo aos leitores as novidades através de um prisma ufanista¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Exemplos de alguns títulos de artigos que utilizaram a expressão: “Toma posição o Botafogo na batalha do estádio”, de 19/09/1947, “O valor do tempo na batalha do estádio”, de 27/09/1947, “Momento supremo da batalha do estádio”, de 15/11/1947, “A batalha do estádio: grito do Ipiranga do esporte nacional”, de 13/06/1948, “Todos na Batalha do estádio”, de 02/07/1948, “Proseguirá, com toda a intensidade, a batalha do estádio”, de 07/07/1948, “O dever de todo o soldado da batalha do estádio”, de 14/08/1948, “O general que levou à vitória a batalha do estádio”, de 18/08/1948, “Vitória na Batalha do Estádio”, de 09/07/1949, “Trégua na batalha do estádio”, de 20/08/1947, “A última etapa da batalha do estádio”, de 22/11/1949, dentre vários outros.

A metáfora se encaixava e funcionava bem naquele contexto, em parte devido ao clima de guerra mundial recém finalizada e à ampla presença de militares na vida política local e nacional. Além disso, evidentemente, cabe a análise dos termos utilizados e suas respectivas aplicações. Para toda batalha disputada há um oponente a ser vencido. Neste caso, buscava-se configurar uma divisão entre os defensores da construção do “maior e mais moderno estádio do mundo”, onde estariam situados “os desportistas”, governantes e o povo que apoiavam aquele projeto, e aqueles chamados de “pessimistas”, “obstrucionistas”, “confusionistas”, “anti-patrióticos” e “derrotistas”, identificados pela atitude controversa quanto ao projeto dominante e defesa de outras alternativas.

Uma batalha também envolve um exército, que possui uma divisão hierárquica e funcional objetivando a vitória (a efetivação da empreitada) sobre o(s) exército(s) adversário(s). Dessa forma, havia o “general”, ou seja, o prefeito Mendes de Moraes, com seus “braços direitos”, o Secretário de Finanças João Lira Filho, o Coronel Herculano Gomes, responsável pelo andamento das obras, e o próprio Mario Filho, que comandavam o coletivo de “soldados da batalha do estádio”. Nele estavam envolvidos tanto os jornalistas e vereadores que faziam apologia ao projeto quanto os compradores de cadeiras cativas e perpétuas, que ajudavam através de seu poder aquisitivo diferenciado, e os operários das obras, que, embora pertencendo a outra classe, também davam sua contribuição com sua força de trabalho. Percebe-se o intuito de classificar todos estes colaboradores sob um único rótulo, colocando as agudas diferenças sociais entre estes grupos em segundo plano ao estabelecer uma suposta coesão em busca de um objetivo em comum.

Quanto a este último ponto, é notável a ênfase dada pelo Jornal dos Sports ao papel a ser desempenhado na “batalha” pelos operários, que foram simbolicamente incumbidos de representar as classes da base da pirâmide social, enaltecendo sua participação naquela empreitada. Elementos gráficos como foto-montagens e ilustrações, geralmente publicados na primeira página, também foram utilizados para criar a idéia de que todas as classes estavam unidas pela nação em torno de um projeto e eram importantes em suas respectivas funções (ver fotos 14 e 15), buscando popularizar o prefeito através da recorrente tentativa de aproximá-lo às classes subalternas (MOURA, 1998). Da mesma forma, eventos como o dia de homenagens aos trabalhadores das obras, com shows e entretenimento em geral, ocorrido em primeiro de abril de 1950 (ver foto 16), visitas estimuladas da população às obras (ver foto 17) e a inauguração do estádio com portões abertos (ver foto 18), foram trabalhados pelo governo municipal e pelo jornal com a mesma intenção.

Tudo isso sinaliza a preocupação de se criar uma imagem da sociedade brasileira para si mesma. O objetivo era construir uma imagem de país democrático onde todas as classes e indivíduos teriam um papel a desempenhar naquele projeto de obra monumental e ícone de um novo Brasil. Desde a compra de cadeiras cativas e o empenho do prefeito e do presidente na realização do projeto, que deveriam ser encarados como uma demonstração de patriotismo da elite, até o afinco e dedicação dos operários nas obras, a promessa de ingressos mais baratos e acessíveis, a inauguração do estádio com entrada livre e a realização de cerimônia de homenagem aos operários, onde o prefeito posava para fotos no meio da multidão de trabalhadores dentro do estádio semi-pronto a poucos meses de sua inauguração, tudo buscava indicar que as diferentes classes estavam unidas por um único objetivo em torno de um único projeto, isto é, provar ao mundo a “capacidade realizadora do brasileiro” através da construção do maior estádio do mundo. Este aspecto simbólico foi inclusive condensado na própria arquitetura interna do estádio, já que buscou-se, através de sua forma elíptica, a menor diferenciação possível entre seus assentos em termos de visualização do que ocorria no campo. Percebe-se a tentativa de tornar os vários assentos o mais equidistantes possível do centro do gramado (GAFFNEY, 2008).



Foto14: Foto-montagem publicada em 12 de fevereiro de 1949 pelo Jornal dos Sports colocando lado a lado pedreiros e operários com o prefeito general Mendes de Morais, o Coronel Herculano Gomes, responsável direto pela obra, e Mario Filho, todos trabalhando unidos para um único objetivo em comum.



Foto 4: Foto-montagem publicada em Jornal dos Sports em 05 de fevereiro de 1949 demonstrando o cotidiano dos trabalhadores e dos responsáveis pelas obras e o seu entusiasmo com a Copa do Mundo.



...tudo encerrou-se de modo expressivamente democrático. O prefeito Angelo Mendes de Moraes, tomou lugar numa poltrona e confundiu-se entre os trabalhadores. Se a festa era de comandantes a comandados, não é, entretanto, menos verdade que comandantes e comandados merecem os mesmos tributos de agradecimento do esporte brasileiro

Foto 16: Foto do prefeito no meio da multidão de operários em uma cerimônia realizada pela prefeitura, com participação de artistas da rádio nacional, para homenagear os trabalhadores empenhados na obra. Diz um trecho da legenda da foto: “...tudo encerrou-se de modo expressivamente democrático. O prefeito Angelo Mendes de Moraes, tomou lugar numa poltrona e confundiu-se entre os trabalhadores”. Jornal dos Sports, 02/04/1950.



OS JOGOS DO
A COLOMÉIA

ACORREU A MULTIDÃO ÀS OBRAS DO ESTÁDIO MUNICIPAL CONVOCADA POR "JORNAL DOS SPORTS" — Milhares de pessoas resolvem conhecer, ou melhor, acompanhar de perto o adiantamento das obras do "Estádio Municipal", atendendo assim a uma convocação de JORNAL DOS SPORTS. Porque foi JORNAL DOS SPORTS que lhes informou o projeto do estádio, foi JORNAL DOS SPORTS que lhes fez acreditar na realização do estádio, foi JORNAL DOS SPORTS que lhes deu a grande nova: o "Estádio Municipal" será o maior do mundo. E porque,

JORNAL DOS SPORTS faz parte e não ainda queríamos, al... ostentando as raízes esse... haviam ocorrido prazerosamente... haviam tomado ciência da resolu... tena de "cadeiras cativas".

Ano XVII — Rio de Janeiro, 1949

Foto 17: Foto publicada pelo Jornal dos Sports (15/03/1949) em uma de suas várias foto-reportagens mostrando a visita da população às obras do estádio municipal.

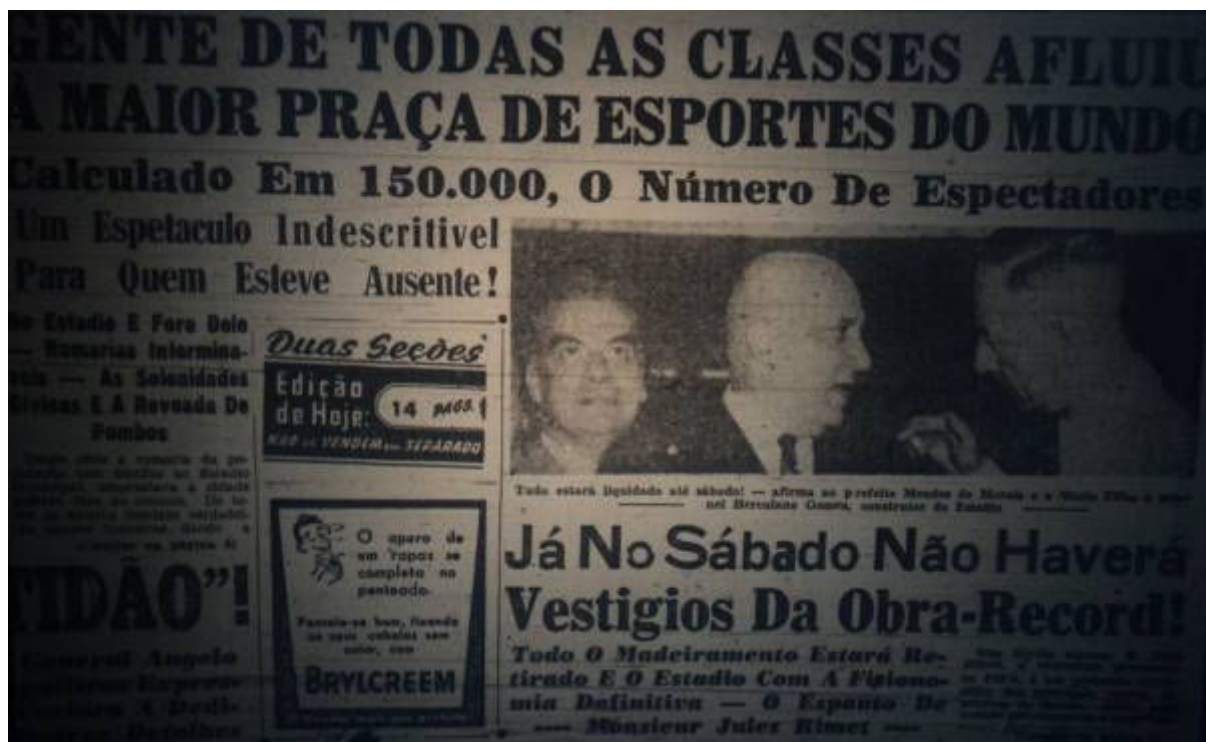


Foto 18: Dizia a manchete de Jornal dos Sports (19/06/1950) no dia seguinte à inauguração do estádio: “Gente de todas as classes afluiu à maior praça de esportes do mundo”. Logo abaixo, a foto de Mário Filho (esquerda), o prefeito general Mendes de Moraes (centro) e o coronel Herculano Gomes (direita), tidos como os principais responsáveis pela realização da obra.

Em contrapartida, os outros dois projetos que se colocavam como alternativa a este utilizavam um discurso distinto. Ambos investiram simbolicamente na vinculação entre a construção de uma nova infra-estrutura esportiva para a cidade e a contribuição que tal feito traria à raça brasileira. Por um lado, o ante-projeto de “cidade olímpica” para a área da atual Barra da Tijuca, documento tido como o alicerce fundamental da proposta de Carlos Lacerda, trazia como uma de suas principais justificativas a contribuição que sua efetivação traria para a “eugenia da raça”. No texto de sua apresentação, afirma o seu autor, Antonio Laviola:

...apaixonado como sou por todos os problemas urbanísticos e principalmente os desportivos, apresento hoje, como primeiro ensaio, um ante-projeto do que poderá e deverá ser feito, tendo sempre em mira a **eugenia da raça**.

Considerando que o Brasil no grande surto de progresso que vem tendo, não pôde adiar para mais tarde a solução desse magno problema da nossa raça; E considerando ainda que o governo, compreendendo e querendo interpretar de maneira a mais rigorosa a divisa (Mens Sana in corpore Sano), estabeleceu em seu programma (Estado Novo) grandes planos para a proteção e oficialização dos desportos, sinto-me perfeitamente encorajado a apresentar este meu modesto trabalho com o único fim de estimular e agitar esta questão que ao se tornar realidade implicará, também, na solução de

outros problemas complementares também de grande significação social para nós(LAVIOLA, 1938, p. 89 - grifo do autor)”

Da mesma forma, o projeto do estádio ENSA, a segunda alternativa ao projeto do governo e apoiada por Diocesano Gomes e o Correio da Manhã, trazia em seu material publicitário o seguinte texto: “Todos os brasileiros que compreendem a importância do esporte para o **desenvolvimento eugênico** do nosso povo não negarão seu apoio aos idealizadores do Estadio E.N.S.A. – uma das realizações grandiosas de que se orgulhará o Brasil de amanhã!”(Jornal dos Sports, 27 de junho de 1948, p. 12 - **grifo nosso**).

Evidencia-se o vínculo criado entre ambos os projetos e o conceito de “eugenia da raça”. Sobre a origem da idéia de eugenia e seu desenvolvimento no Brasil, Cordeiro afirma que

Foi o inglês Galton que inventou o termo eugenia que designa o estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto físicas quanto mentalmente, visando o bem-estar da espécie. No Brasil, a questão do cuidado eugênico da “raça brasileira” foi introduzida inicialmente pelos historiadores, sociólogos, antropólogos, literatos que sofriam influência dos intelectuais europeus do começo do século XX.

Galton denominou as medidas incentivadoras dos melhores dotados biologicamente de eugenia positiva e as impeditivas, dos piores, chamou de eugenia negativa. Acreditava, o cientista, que teria descoberto formas racionalmente sustentadas de intervir na evolução humana feito que se concretizava, naquele momento, com a sua obra. Subitamente, se auto-atribuiu à responsabilidade de guiar a humanidade para um mundo ideal, livre dos males que a assolavam, como o crime, a loucura, a doença, a feiúra, infortúnios individuais com perigosos reflexos coletivos. Quanto às diferenças entre as coletividades, Galton dizia que as raças humanas diferiam em capacidade intelectual, sendo a branca, a mais inteligente. Embora não se julgasse um pensador propriamente racista, até aquele momento nenhum argumento o convencera do contrário (CORDEIRO, 2006, p.79)

Portanto, há indicações explícitas de que tanto a proposta da “cidade olímpica” para a restinga de Jacarepaguá quanto a do estádio ENSA estavam filiadas a um projeto de eugenia da raça brasileira aliado à exaltação do orgulho nacional, cuja origem residia em ideais racistas que advogavam, através de um discurso cientificista, pela supremacia moral, mental, física e intelectual de uma etnia sobre a outra. Assim, a raça brasileira seria também geneticamente aperfeiçoada por meio de práticas positivas e benéficas, como aquelas vinculadas ao esporte, que proporcionariam seu “embranquecimento”.

Embora a proposta de estádio do governo e de Jornal dos Sports apostasse também na exaltação do orgulho nacional, a tônica de Mario Filho recaía na significação da obra

assentada na possibilidade de provar ao mundo e aos próprios brasileiros “a capacidade realizadora de seu povo” articulada com a inclusão de todas as camadas nesse processo de construção de uma imagem do país, conforme já visto. No único registro encontrado em que a propaganda do estádio municipal, criada nos mesmos moldes daquela feita para o ENSA, se aproximou da justificativa utilizada pelos outros dois projetos, os termos empregados denotam uma diferença significativa de orientação quanto ao assunto:

Prepare-se para assistir às vitórias de seu clube nas empolgantes partidas de futebol do futuro, garantindo desde já por MUITOS ANOS a sua CADEIRA CATIVA, como já estão fazendo tantos outros desportistas. Contribua desse modo para a rápida terminação das obras do ESTÁDIO MUNICIPAL, passo decisivo para o **aprimoramento físico do povo brasileiro!** (JORNAL DOS SPORTS, 19/09/1948, p.05 – **grifo nosso**)

Adicione-se a estes fatos que a palavra “eugenia” e “raça” não foram encontradas no material examinado relacionado aos argumentos utilizados pelo Jornal dos Sports e propagandas do Estádio Municipal. Outro ponto a ser considerado é a publicação na mesma época do livro de Mario Filho “O negro no futebol brasileiro”(1947), cuja orientação era de exaltação às contribuições dos negros ao desenvolvimento do esporte no país, o que ideologicamente indicava oposição às idéias de purificação de raças associada à eugenia.

Portanto, as buscas por legitimação dos diversos projetos concorrentes trilharam caminhos diferentes. Tais diferenças discursivas parecem apontar para disputas também no plano simbólico, relacionadas àquelas de cunho material. Na verdade, há indícios consideráveis de que visões de mundo diversas estavam atreladas às respectivas propostas de construção de um novo estádio para a Copa do Mundo. Esta investigação em especial, merece um aprofundamento posterior que não cabe ao atual trabalho.

Conclusões

O material levantado permitiu chegar a respostas para as perguntas inicialmente estipuladas para nortear esta pesquisa, caracterizada por uma prospecção do material disponível que possa fomentar estudos futuros. Em primeiro lugar, pode-se afirmar que as mais relevantes questões discutidas pela imprensa carioca acerca dos preparativos para a IV Copa do Mundo perpassaram pelos seguintes temas: existência real da necessidade de um estádio para a cidade que justificasse a mobilização de grande quantia de dinheiro; o custo de oportunidade atrelado à opção por se construir um novo estádio, ou seja, que investimentos públicos seriam prejudicados por tal escolha; as formas institucionais de gestão do projeto,

isto é, se o mesmo seria uma responsabilidade da iniciativa privada ou do Estado e, ainda, se era o governo municipal ou o federal que deveria ficar à frente das obras; as diferentes alternativas de financiamento das obras; as alternativas de localização do novo estádio dentro da cidade, bem como suas conseqüências urbanas e, por último, os distintos projetos de nação onde estavam simbolicamente apoiadas as diferentes propostas.

Pode-se afirmar, ainda, que o *Jornal dos Sports* adotou posições alinhadas com o poder então instituído e o partido que o representava, o PSD, tanto no nível municipal quanto no nível federal. Para tanto colaborou o fato de vários colunistas do periódico ocuparem cargos de gestores de entidades esportivas. Vargas Netto, além de sobrinho de Getúlio Vargas, era o presidente da Federação Metropolitana de Futebol. João Lira Filho era presidente do Conselho Nacional de Desportos e nos anos de 1947 e 1948 esteve no comando da Secretaria Municipal de Finanças. Mario Pollo, vice-presidente da Confederação Brasileira de Desportos e Rivadavia Correa Meyer, presidente da mesma instituição, constantemente colaboravam com entrevistas ao jornal. Em outras palavras, o *Jornal dos Sports* possuía estreitas ligações com a elite esportiva do país, que por sua vez estava próxima da elite política.

Estas conexões se refletiam na ideologia vendida junto com a obra do estádio nos terrenos do Derby Clube. A idéia incansavelmente propagada pelo *Jornal dos Sports* de que todas as classes deixavam de lado suas diferenças para “se igualarem” em torno de um objetivo em comum, isto é, mostrar ao mundo “a capacidade de realização do brasileiro” e sua modernidade ao construírem o maior e mais moderno estádio do mundo, andava de mãos dadas com o intuito do poder instituído em aumentar suas possibilidades de legitimação perante a população. Tal tendência já crescia no final do Estado Novo, quando Getúlio Vargas percebeu esta necessidade em função da inevitável abertura do regime e passou a investir nas propagandas personalistas de suas realizações e na concessão um pouco mais generosa de direitos trabalhistas. O crescimento da popularização do futebol, baseado no aumento da população urbana e jovem, transformou o esporte em importante instrumento para aproximar ainda mais governantes de governados e assegurar a legitimação dos primeiros frente aos últimos num ambiente político que exigia mais do poder instituído neste quesito.

Por outro lado, o *Correio da Manhã* sofria influencia direta dos integrantes da UDN recém-fundada, principal partido de oposição, o que é reforçado pelo fato de Carlos Lacerda, o vereador mais votado da cidade em 1946 e membro daquela organização política, escrever no jornal. Do ponto de vista ideológico, *Correio da Manhã* também conservava diferenças fundamentais em relação ao *Jornal dos Sports* e ao governo, o que pode ser constatado nos levantamentos realizados. De forma coerente com seus postulados liberais, o periódico

defendeu principalmente a não-intervenção do Estado na tarefa de se construir o novo estádio, alegando que seria mais sensato delegá-la aos clubes e/ou a empresas. Dessa forma, apoiou as iniciativas que caminhavam nesta direção, como o Plano Hilton Santos de 1946 e o estádio ENSA lançado em 1948. Além disso, enxergava a possibilidade do governo e do PSD de concretizar seu projeto de estádio como uma derrota política, já que percebia a força e o apelo que o futebol adquiria, e, por este motivo, tentou por diversas vezes evitá-lo. Por último, a ligação de seus ideais com o de uma elite bastante conservadora também se refletiu nas justificativas utilizadas pelos projetos de estádio alternativos apoiados, ou seja, a eugenia da raça como um ideal de construção da nação.

Com exceção do caso das disputas simbólicas envolvidas nos projetos de nação que se relacionavam com os diferentes projetos, todas as demais questões foram bastante debatidas, sempre com a exposição de pelo menos dois pontos de vista divergentes em meios de comunicação de grande alcance. Além disso, as discussões entre jornalistas, com réplicas e tréplicas publicadas por seus respectivos periódicos também eram comuns. Cabe ressaltar, ainda, a consulta popular realizada por um instituto de pesquisa para saber o que a população pensava quanto ao debate.

Conforme apontado por Robert Dahl(1997), um dos pré-requisitos fundamentais para que uma sociedade se torne uma poliarquia, isto é, uma organização social que adote experiências políticas o mais possivelmente próximas da utopia democrática, é a existência de pluralidade de opiniões e da possibilidade de contestação ao poder instituído pelos demais cidadãos por ele comandados, além da inclusão de todos nas escolhas de representantes na vida política. Neste sentido, embora naquele momento o poder de contestação e a pluralidade de opiniões estivessem restritos aos detentores dos mais importantes meios de comunicação da época, ou seja, ao rádio e à imprensa escrita, certamente a divergência entre eles propiciou um ambiente na opinião pública mais democrático do que a hipótese de unanimidade entre os mesmos. Este ambiente de disputas viabilizou, inclusive, a consulta à opinião popular, que pode ser caracterizada como um instrumento avançado de democracia participativa, possibilitando a influência de governados nos rumos escolhidos por seus governantes.

É provável que o contexto político daquele momento, isto é, o fim do Estado Novo e a formação de novos partidos políticos ávidos por exercer a oposição após muitos anos de ditadura, tenha influenciado decisivamente as discussões acerca da preparação da cidade para a Copa do Mundo de 1950. O caso estudado demonstra a importância da pluralidade, em especial nos meios de comunicação, para uma maior democratização dos projetos envolvidos na adequação de cidades a megaeventos. A continuidade e o aprofundamento desta reflexão

são essenciais para se pensar no futuro da cidade do Rio de Janeiro, uma vez que ela se depara novamente com os desafios de se democratizar as decisões quanto aos projetos de transformação urbana associados à Copa do Mundo, não mais a de 1950, mas a de 2014.

Referências bibliográficas

ALVES, José Eustáquio D. e BRUNO, Miguel (2006). População e Crescimento Econômico de Longo Prazo no Brasil: como aproveitar a janela de oportunidade demográfica ?. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Tema Central: Desafios e Oportunidades do Crescimento Zero -18 a 22 de setembro de 2006, Caxambu- MG, Brasil

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CORDEIRO, Andréia Mara Nunes Rodrigues. Saúde da população negra : um espaço de ausências. PADÊ : estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. Brasília, UniCEUB, FACJS, Vol.1, n.1/2006.

DAHL, Robert A. Poliarquia. São Paulo: Edusp, 1997

FRANZINI, Fabio. Da expectativa fremente à decepção amarga. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 243-274, jul./dez. 2010

GAFFNEY, Christopher Thommas. Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. Austin: University of Texas Press, 2008.

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. In Espaço & Debates, São Paulo, n. 39, p.48-64, 1996.

LAVIOLA, Antonio. Ante-projeto para a cidade olímpica (a ser construída na restinga de Jacarepaguá). Revista Municipal de engenharia – PDF, Vol. 05, n° 6, novembro/1938, p. 89 à 95.

MOURA, Gisella de Araujo. O Rio corre para o maracanã. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHE, Maurice. Mega-Events and Modernity: Olympics and Expos in the Growth of Global Culture. London: Routledge, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria. In ARANTES, O., VAINER, Carlos B. e MARICATO, Erminia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petropolis, Vozes, 2000.